



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA

JORNALISMO LITERÁRIO: ALTERNATIVA POSSÍVEL PARA A CRISE DO JORNALISMO IMPRESSO DIÁRIO

Christiane Peres de Melo

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília como requisito parcial para obtenção do certificado de Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo.

Brasília
2005

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Curso de Especialização em Jornalismo

**JORNALISMO LITERÁRIO: ALTERNATIVA POSSÍVEL PARA
A CRISE DO JORNALISMO IMPRESSO DIÁRIO**

Christiane Peres de Melo

Paulo Paniago, mestre
Orientador

Brasília
2005

*Este trabalho é dedicado aos meus pais, Lúgia e Roberto, pelo apoio, compreensão, amor e incentivo.
Sem vocês eu não teria chegado até aqui.*

As minhas irmãs, Liziane e Alessandra, por tudo o que
fizeram por mim até hoje.

Ao amigo José Rezende Jr., que possibilitou a execução
deste trabalho.

As amigas, Bianca Estrella, Kelly Couto, Cecília Calvos,
e Sarah Nogueira pelos anos de amizade e
companheirismo na faculdade e fora dela.

A Aloisio Milani, companheiro e amigo, pela força e
presença nos momentos de desespero, pela ajuda e pelas
críticas que foram tão importantes nessa fase final.

A Paulo Paniago, orientador e amigo, por tudo que me
ensinou nestes anos de faculdade.

Aos amigos, Cristiano Ogyb pelo incentivo dado nesses
quatro anos, Rodrigo Savazoni pelas indicações
bibliográficas e Eduardo Cunha que também esteve
presente nesses quatro anos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	2
2. METODOLOGIA	3
3. JORNALISMO LITERÁRIO	5
3.1 PROXIMIDADES COM O <i>NEW JOURNALISM</i>	5
4. A CRISE	9
4.1 REPORTAGEM: SANGUE DE TODOS OS TIPOS DE JORNALISMO	17
5. ESTUDO DE CASO: JOSÉ REZENDE JR.	23
5.1 PERFIL	23
5.2 ARTE DE OBSERVAR	24
5.3 PROCESSOS DE APURAÇÃO	26
6. CONCLUSÃO	32
7. BIBLIOGRAFIA	33
7.1 LIVROS	33
7.2 INTERNET	34
8. ANEXOS	35
8.1 ENTREVISTA JOSÉ REZENDE JR. – MARÇO DE 2005	35
8.2 ENTREVISTA EDVALDO PEREIRA LIMA – 8 DE ABRIL DE 2005	39
8.3 SÉRIE CRIMES VIOLENTOS: “ANJO DA MORTE”	40
8.4 SÉRIE CRIMES VIOLENTOS: “O AVESSO DE ÉDIPO”	48
8.5 SÉRIE CRIMES VIOLENTOS: “CASTIGO”	55

1. INTRODUÇÃO

Com o surgimento das novas tecnologias, principalmente da Internet, se consolidou uma crise no jornalismo impresso diário. Nos últimos anos, as vendas dos jornais têm caído gradativamente, a circulação diminuiu e a publicidade foi parar em outros veículos. Este trabalho pretende apresentar uma alternativa possível para solucionar esse quadro: o jornalismo literário.

Idealizado na década de 60, o jornalismo literário até hoje é muito criticado. Muitos dizem que não é jornalismo nem literatura. Porém, este estilo jornalístico surgiu com o intuito de reaquecer as vendas dos impressos e dar tratamento mais atrativo ao texto. Nunca o jornalismo literário se propôs a substituir a literatura. Mais que uma forma diferente de relatar um fato, o jornalismo literário permite que o repórter trabalhe a complexidade dos personagens e das situações. O mito da invenção neste estilo é derrubado quando se coloca o jornalismo literário como uma forma atraente de escrever. O repórter não inventa os fatos, ele apenas olha com mais curiosidade e presta atenção em detalhes normalmente esquecidos pelos profissionais do jornalismo diário.

O debate sobre a “reforma” nos veículos impressos ainda é escasso no Brasil. Porém, os profissionais da área que pensam sobre o assunto chegam a conclusão que é preciso mudar o jornalismo diário impresso. Não cabe mais ao jornal dar o “furo”. O jornal tem de encontrar seu lugar nesse mundo *online*. É consenso que o jornalismo diário impresso precisa voltar a investir nas grandes reportagens e na opinião. O futuro dos jornais segundo eles é a interpretação. Diante desse cenário de investimento nas grandes reportagens, uma visita às matérias literárias parece solução possível.

Em 1996, o jornal *Correio Braziliense* fez essa experiência e deu certo. Ricardo Noblat – na época diretor de redação do jornal – decretou o fim do lide tradicional. Convocou uma reunião com os repórteres para dizer que o lide havia morrido. A partir daquele momento, criatividade e apuração exaustiva eram os trunfos do veículo. A nova proposta trouxe retorno do leitor em muitos momentos. Neste trabalho, uma série produzida pelo jornalista José Rezende Jr. foi analisada e posta como exemplo de que é possível se fazer bom jornalismo (e jornalismo literário) nos jornais impressos diários. É claro que a sugestão não é se fazer um jornal inteiro com matérias literárias, mas mostrar que interessa o público e que bem dosada pode trazer retorno para o jornal.

2. METODOLOGIA

Levantamento bibliográfico e estudo de caso foram as duas metodologias aplicadas para embasar as discussões traçadas no presente trabalho. Diante da escassez bibliográfica do tema abordado, o estudo de caso foi escolhido para complementar as análises e aprofundar o debate teórico.

Para o estudo de caso foram examinadas as reportagens do jornalista José Rezende Jr., que em 1996 publicou uma série de matérias literárias no jornal *Correio Braziliense*. São várias as definições encontradas para o estudo de caso. A mais citada é a de Robert Yin que coloca a metodologia como verificação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, “quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (2001, p. 32). Para Yin, esta é a melhor estratégia para responder questões do tipo “como” e “por que”.

Trata-se de uma abordagem que considera qualquer unidade social como um todo, incluindo o desenvolvimento dessa unidade, que pode ser uma pessoa, uma família, um grupo social, um conjunto de relações ou processos (crises familiares, invasão étnica de uma vizinhança etc.), até mesmo toda uma cultura.

O estudo de caso deve ter preferência quando se pretende examinar eventos contemporâneos, em situações onde não se podem manipular comportamentos relevantes e é possível empregar duas fontes de evidências, em geral não utilizadas pelo historiador, que são a observação direta e série sistemática de entrevistas.

O estudo de caso utiliza, principalmente, seis fontes distintas de dados para a coleta de evidências: documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos, cada uma delas requerendo habilidades e procedimentos metodológicos diferenciados.

Neste projeto de pesquisa as fontes mais “visitadas” foram documentação, entrevista e observação direta.

A *documentação* é uma importante fonte de dados que pode assumir várias formas como cartas, memorandos, agendas, atas de reunião, relatórios de eventos, documentos administrativos, estudos formais, recortes de jornais, artigos publicados na mídia. No caso do estudo das matérias do jornalista José Rezende Jr., a documentação e análise do material veiculado pelo jornal

Correio Braziliense em 1996 foi essencial para confirmar e valorizar as evidências encontradas em outras fontes. As *entrevistas* possibilitaram dar a dimensão do assunto abordado. Além de enriquecer o projeto.

Outra fonte utilizada foi a *observação direta* – feita em visita ao local do estudo de caso e serve para fornecer dados adicionais sobre o tema em análise. Compreende atividades formais como desenvolver protocolos de observação; e informais como as condições físicas de um edifício e a distribuição de espaços de trabalho que podem revelar algo sobre problemas financeiros de uma instituição ou sobre a posição ocupada pelo respondente em sua estrutura. Esta técnica foi fundamental para a descrição do perfil do jornalista.

3. JORNALISMO LITERÁRIO

3.1 Proximidades com o *new journalism*

A idéia era dar a descrição objetiva completa, e um algo mais que os leitores sempre tiveram de buscar nos romances e contos, ou seja, a vida subjetiva ou emocional dos personagens.
Tom Wolfe

A beleza narrativa do *new journalism* norte-americano marcou época e estimulou mentes a produzir reportagens de profundidade caracterizadas pelo intenso mergulho do repórter na realidade.

Surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 60, como alternativa ao jornalismo de estilo “objetivo” e “distanciado dos fatos”, que caracterizava a maior parte da imprensa americana até então. A reportagem deixava de ser um simples relato para se transformar num texto quase literário, que reconstruía os acontecimentos a partir da vivência do repórter.

Antes de definir o que é o *new journalism*, é importante fazer a observação de que não se trata de um gênero absolutamente inédito e sim parte da evolução da literatura que busca inspiração na literatura de realismo social, de relato e nas manifestações literárias com caráter factual e informativo, portanto, jornalístico, que se convencionou chamar, modernamente, de jornalismo literário – caracterizado pelo uso de técnicas da literatura na redação de reportagens e ensaios jornalísticos.

Edvaldo Pereira Lima, no texto “New Journalism x Jornalismo Literário”, publicado no *site Jornalite – Portal de Jornalismo Literário no Brasil* –, diz que:

“O *new journalism* americano foi a manifestação de um momento do Jornalismo Literário. Isso quer dizer que o JL, enquanto forma de narrativa, de captação do real, de expressão do real já existia antes e continua existindo após o *new journalism*, que foi só uma versão específica do JL, mas uma versão radical quando comparada à anterior, principalmente, no que se refere à capacidade do narrador se envolver com o universo sobre o qual vai escrever.” (LIMA, 2002, disponível em <http://www.jornalite.com.br>)

Como cita Matinas Suzuki Jr., no posfácio de *Hiroshima*, “o jornalismo sempre esteve ligado, se não à literatura, aos literatos. Escritores como Daniel Defoe, Charles Dickens e Jack London estão entre muitos que são citados tanto no campo da ficção como da história da imprensa” (SUZUKI *apud* HERSEY, 2002, p. 170).

Várias denominações permeiam a história dessa narrativa. Jornalismo literário, literatura de não-ficção, ensaio, jornalismo de autor, novo jornalismo. Gay Talese, em *Fama e Anonimato*, diz:

“o novo jornalismo é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passíveis de verificação, pelo uso de aspas e observância dos rígidos princípios organizacionais à moda antiga. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar (...)”. (TALESE, 2004, p. 9)

A proposta desenhada pelo *new journalism*, por sua vez, criou caminhos próprios e inspirou outra tradição do jornalismo: o jornalismo literário – assim denominado pela incorporação de recursos e técnicas de captação e redação provenientes da literatura. Segundo Edvaldo Pereira Lima, em “Jornalismo Literário: o legado de ontem” – texto publicado na coleção *Cadernos de Comunicação* da Secretaria Especial de Comunicação Social do Rio de Janeiro – “é um jornalismo narrativo, de autor. Busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos” (LIMA, 2003, p. 10).

Um texto de jornalismo literário precisa estar ancorado em fatos. O trabalho de apuração com entrevistas, pesquisas em arquivos, investigação, levantamento de dados pressupõe um bom texto jornalístico. Os detalhes são fundamentais. No jornalismo literário, o profissional remonta cenas, prende o leitor tanto pela qualidade do texto como pela riqueza de detalhes que descreve. O estilo abandona dogmas do jornalismo tradicional, como neutralidade, distanciamento e narrativa sempre na terceira pessoa, para valorizar a figura do repórter no meio dos acontecimentos. São pormenores que ajudam a construir a personalidade dos personagens, dá liberdade ao repórter para criar e ousar a partir do registro de gestos, hábitos, decoração e vestuário. É um texto mais elaborado, que difere das matérias diárias por necessitar de mais tempo tanto para apuração quanto para redação.

A intenção é dar ao leitor a idéia de que o texto flui como um conto ou como um romance. Foram escritores do século XIX – especialmente grandes nomes da escola literária do realismo social, como o inglês Charles Dickens (1812-1870) e o francês Honoré de Balzac (1799-1850) – que inspiraram os jornalistas a aplicar ao relato da realidade técnicas narrativas que empregavam no trabalho de ficção. A escola do realismo social caracterizou-se pelas longas e detalhadas pesquisas de campo – feitas pelos escritores antes de redigir os textos.

Os escritores do realismo social – movimento que teve repercussão na América do Norte e no Brasil do século XX, por meio de nomes como William Faulkner, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos – pesquisavam minuciosamente uma situação real – o modo de falar das classes marginais, os hábitos da classe burguesa decadente – para posicionar, naquele contexto, sua narrativa de ficção. Aos jornalistas cabia outro desafio: usar as mesmas técnicas narrativas, porém com o objetivo de retratar com fidelidade o mundo real.

Para Edvaldo Pereira Lima, em “Jornalismo Literário: o legado de ontem” – texto publicado na coleção *Cadernos de Comunicação* da Secretaria Especial de Comunicação Social do Rio de Janeiro – no entanto, seria um equívoco histórico dizer que o “fenômeno” do chamado novo jornalismo é puramente norte-americano. Segundo ele, o escritor, jornalista e professor universitário argentino Tomás Eloy Martínez aponta, no artigo “Periodismo y Narración: Desafíos para el Siglo XXI”, três grandes pioneiros latino-americanos: o cubano José Martí (1853-1895), o mexicano Manuel Gutiérrez Najera (1859-1895) e o nicaraguense Rubén Darío (1867-1916). Já na década de 50, o colombiano Gabriel García Márquez começou a ser notado como jornalista com a reportagem “Relato de um Náufrago”, publicada no jornal *El Espectador*, de Bogotá, em 1955.

No Brasil, o grande pioneiro dessa “interface histórica” foi Euclides da Cunha, cujas reportagens como enviado especial do jornal *O Estado de S. Paulo*, na Guerra de Canudos (1893-1897), foram o embrião do antológico *Os sertões*. Graciliano Ramos, como expoente do realismo social da literatura brasileira, em 1948, concedeu uma entrevista na qual compara a “arte de escrever” ao modo de lavar roupa das lavadeiras de Alagoas.

“(…) Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas penduram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.” (RAMOS, 1948, disponível em <http://www.graciliano.com.br>)

Nos anos 60 e 70, o Brasil teve publicações de qualidade que marcaram época como a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*, que trouxeram reportagens que se aproximavam da literatura e que abrigaram toda uma geração de jornalistas-escretores, como Marcos Faerman, Fernando Portela, Narciso Kalili, Roberto Freire. O jornalista e escritor João Antônio teve êxito

no uso das técnicas do realismo social ao publicar *Malagueta, Perus e Bacanaço, Dedo Duro* ou *Ô, Copacabana*, onde se apropriou da linguagem usada nas ruas e retratou com perfeição o palavreado e a realidade de malandros, moradores de rua e prostitutas do Rio de Janeiro e São Paulo. São contos que mais parecem pequenas reportagens do cotidiano das minorias.

“Salva-vidas, nada. Esta palavra só acontece em boca de fariseu, nos papos de gente que está fora dos babados das areias. O nome é guarda-vidas, o homem de maior vocação para a beleza, mais ainda que os meninos de cabelos matizados de tanto sol e que fazem o espetáculo do surfe nas pranchas de preço pelas alturas do Posto Cinco, Cinco-e-meio ou Arpoador, Ipanema, Leblon, Barra.” (ANTÔNIO, 2001, p. 52)

Ou ainda:

“Branca, ainda assim, Mariazinha Tiro-a-Esmo é uma peça. Meteram-lhe esse nome lá pelos altos encardidos da Favela da Rocinha, num ponto de pivetes tão tumultuado, tão cheio de movimento, rumor e estripulia, que ali acordar era fácil, dormir é que não. (...) Para os distraídos e pacatos, para fariseus ou não iniciados na malandragem dos morros e dos becos do Rio, mais uma garota bonita em Copacabana. (...) Maria é olheira daquele trecho de Copacabana e responsável por seis meninas pedintes, que vão esmolar e vender coisas miúdas entre Nossa Senhora de Copacabana e praia.” (ANTÔNIO, 2001, p. 99)

Depois de apresentar e conceituar o jornalismo literário é a vez de introduzir a crise vivida pelo jornalismo impresso diário e sugerir uma alternativa possível para solucionar o quadro: a volta das grandes reportagens literárias.

4. A CRISE

Em 1993, Ignacio Ramonet já dizia: “A imprensa escrita está em crise”. O diretor do jornal francês *Le Monde Diplomatique* antevia a crise pela qual a imprensa escrita viria a passar. De tão atual, o artigo foi republicado pela versão espanhola do jornal sete anos depois. O fato é que 12 anos se passaram e a tal crise anunciada por Ramonet se instalou nos jornais do mundo. “A França e outras partes do mundo experimentam uma notável baixa em sua difusão e sofrem gravemente de uma perda de identidade e personalidade.”¹

“Cenário: uma banca de jornal no centro de uma cidade.

Personagens: um jornalista que tenta comprar jornais e revistas e um cidadão de meia idade que lê as manchetes dos jornais expostos na banca.

Cidadão: — Eu acho que conheço o senhor... O senhor é jornalista, não é mesmo?

Jornalista: — É, eu sou...

Cidadão: — Já vi sua fotografia no jornal...

Jornalista: — É, ela já saiu algumas vezes...

(...)

Cidadão: — Por que os jornais são tão parecidos? Por que tratam quase sempre dos mesmos assuntos?

Jornalista: — Porque notícias importantes interessam a todos eles. E são publicadas por todos.

(...)

Cidadão: — Quem compra os jornais pensa como a maioria dos jornalistas?

Jornalista: — Acho que não. Há pesquisas nos Estados Unidos que provam que não. Mas se compra é porque reconhece que os jornalistas sabem em geral escolher bem o que publicam.

Cidadão: — Então os jornais vendem cada vez mais?

Jornalista: — Não, a maioria dos jornais no mundo vende cada vez menos.

(...)

Cidadão: — Os jovens lêem jornais?

Jornalista: — Lêem pouco. E cada vez menos.

Cidadão: — Mas o que os jornais fazem para atraí-los?

Jornalista: — Não fazem muita coisa.

Cidadão: — Se não atraírem leitores jovens, no futuro os jornais não terão mais leitores, estou certo?

Jornalista: — Esta, sim. É mais ou menos isso.

Cidadão: — Então a idéia dos jornalistas é acabar com os jornais...” (NOBLAT, 2003, p. 11 a 13)

O diálogo extraído do primeiro capítulo do livro de Ricardo Noblat, *A arte de fazer um jornal diário*, também retrata parte da crise pela qual o jornalismo impresso passa. A fala do “cidadão” mostra que cada vez menos os assuntos tratados nos jornais interessam aos leitores. Além disso, os periódicos têm muitas páginas e os leitores cada vez menos tempo para lê-las, os

¹ RAMONET, Ignacio. In: *Nuevas tecnologías y concentración de los medios. La prensa refleja la realidad?*. Chile: Aún Creemos en los sueños, 2003.

jovens – futuros leitores – se interessam cada vez menos e os jornais nada fazem para cativá-los e fidelizá-los.

Mas como se chegou a esse ponto? Para Ramonet, a resposta está nas mutações vividas pelos periódicos nos últimos anos. “A começar pela própria idéia de informação. Não faz muito, informar equivalia a brindar o leitor não só com a descrição precisa (e verificada) de um fato, mas também dar contextos, para que o leitor tivesse um conhecimento mais profundo do ocorrido.”²

As críticas de Ramonet se referem à influência dos telejornais na vida dos cidadãos. De acordo com ele, a televisão aos poucos impôs aos demais veículos uma concepção distinta de informação. “Informar a partir de agora é servir de veículo para que o indivíduo assista o acontecimento. O objetivo principal não é mais fazer com que o cidadão compreenda o alcance do fato e sim que ele veja como o fato se desenrola.”³ Segundo Ramonet, é nesse contexto que se cria a ilusão de que ver é compreender.

Ricardo Noblat também reflete a respeito da crise. Talvez a preocupação dele seja um pouco mais atual. Enquanto Ramonet mostra os problemas que a superficialidade do discurso televisivo traz para os meios de comunicação, Noblat traz a discussão para um fato mais recente: a internet. Em *A arte de fazer um jornal* diário, ele enumera alguns fatores que contribuem para a crise. Segundo ele, a verba destinada à publicidade tem caído consideravelmente. “(...) em 2001 foi 7,2% menos em termos reais que do ano anterior” (NOBLAT, 2003, p. 14).

A diminuição na venda do número total de exemplares, que de acordo com os dados do livro, entre março de 2001 e março de 2002, os 15 maiores jornais do país diminuíram a circulação em 12%, ou seja, deixaram de vender 346.376 exemplares. Outro problema apontado é a falta de interesse do jovem, que tem buscado outras formas de informação, principalmente na internet.

Mais de quatro mil adultos com mais de 18 anos foram entrevistados pela Associação Americana de Jornais. Desses, 75% afirmaram que a internet “mexe” com a imaginação, contra 45% que dizem o mesmo dos jornais.

“Cidadão: — Os jovens lêem jornais?

Jornalista: — Lêem pouco. E cada vez menos.

Cidadão: — Mas o que os jornais fazem para atraí-los?

Jornalista: — Não fazem muita coisa.” (NOBLAT, 2003, p. 13)

² *Ibidem*, p. 9.

³ *Ibidem*, p. 10.

A pesquisa revelou ainda que o uso da rede como fonte de notícia aumentou em 127%, no período de 1997 a 2000.

Os transtornos gerados pela internet não param por aí. Além de “levar” a maior parte dos jovens para as informações *online*, a internet também se apossou da verba de publicidade que ia para os jornais. Noblat mostra que até 2010 os jornais deverão perder para a *web* de 10 a 30% da receita. A internet é mesmo um mercado crescente e a cada dia ocupa mais o espaço que antes era destinado aos jornais e jornalistas. Na *web* a variedade de temas é maior, além disso, existem páginas especializadas em “entregar” o produto – informação – de acordo com o gosto do cliente – leitor. Diferente do que ocorre nos jornais. Os impressos estão a cada dia mais distantes da realidade do leitor. Será que é o fim dos jornais?

Apesar das quedas na publicidade, algumas publicações européias, mais focadas na circulação que na publicidade, têm mostrado surpreendentes resultados. Moral da história: os meios impressos, em geral, terão de voltar a ganhar dinheiro com circulação, seja com assinantes ou com a venda em bancas e em outros pontos alternativos. Esse é o caso do jornal francês *Le Monde Diplomatique*, que após passar por diversas reformulações, como lembra Ramonet, encontrou seu caminho. Hoje, investe em textos mais extensos que dos demais jornais, porque tratam de dados fundamentais para se dar a dimensão dos temas tratados, como seus antecedentes, históricos, fator social, cultural e econômico.

“Cada vez mais leitores aceitam essa concepção exigente da informação e se mostram sensíveis à nossa maneira, sem dúvida imperfeita, mas séria de enxergar o mundo. As notas de pé de página, que enriquecem nossos artigos e eventualmente permitem uma leitura mais completa e prolongada, não parecem incomodar. Ao contrário, muitos vêm como uma prova de honestidade intelectual e um meio de enriquecer o documento.”
(RAMONET, 2000, p. 13)

Sempre que surge um novo e “poderoso” meio de comunicação é comum disseminar-se a idéia de que ele vai engolir os demais. É claro que o surgimento de novos meios e novas tecnologias provocará transformações nos que já existem, mas o fato é que eles conviverão entre si, cada um descobrindo lugar junto a seu público. Se com a televisão foi assim, com a internet não seria diferente.

Primeiro, achou-se (e muitos ainda acreditam nisso) que a internet extinguiria todos os meios impressos – jornais, revistas e livros sucumbiriam diante da nova tecnologia e só seriam capazes de sobreviver se passassem a ser lidos na tela do computador. Mas, como diz Marília

Scalzo, “o que é impresso, historicamente, parece mais verdadeiro do que aquilo que não é” (SCALZO, 2003, p. 12).

Segundo ela, ainda hoje, a palavra escrita é o meio mais eficaz para transmitir informações complexas. “Quem quer informações com profundidade deve, obrigatoriamente, buscá-las em letras de forma. Jornais, folhetos, apostilas, revistas, livros, não interessa o quê: quem quer saber mais tem que ler” (SCALZO, 2003, p. 13).

Enquanto editores de *sites* estão preocupados com a rapidez da notícia (e com isso correm grande risco de veicular notícias imprecisas e até mesmo erradas), os consumidores parecem estar mais interessados na informação correta e não no ineditismo. Em *Jornalismo de revista*, Scalzo apresenta uma pesquisa realizada nos Estados Unidos pela *Online News Association*, no final de 2001. O resultado da análise mostrou que os internautas deixaram a novidade da notícia em quinto lugar, atrás de exatidão, completude, honestidade e fontes confiáveis, numa lista composta por 11 características relacionadas à credibilidade da informação.

Para Marília Scalzo, a melhor solução para o jornalismo impresso, diante da impossibilidade de concorrer com a velocidade das outras mídias, é repensar seu papel, encontrar novos caminhos e ir em busca de um jornalismo mais analítico e menos factual.

“Se ocorre um fato que mobiliza a população e tem ampla cobertura na televisão (os atentados ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001, por exemplo), é certo que jornais e revistas venderão muito mais no dia e na semana seguintes – eles servem para confirmar, explicar e aprofundar a história já vista na tevê e ouvida no rádio. Mas, por que ler uma notícia que já conhece de véspera? O escritor colombiano Gabriel García Márquez é autor de uma frase lapidar: ‘A melhor notícia não é a que se dá primeiro, mas a que se dá melhor’.” (SCALZO, 2003, p. 13)

Apesar do modelo dos jornais estar em xeque, os donos de jornais e jornalistas parecem ter medo de mudar. Alguns tentaram e obtiveram êxito por algum tempo. No período em que dirigiu o *Correio Braziliense*, o jornalista Ricardo Noblat transformou um “inexpressivo diário chapa-branca num dos melhores e mais premiados jornais do país”, como afirma Luiz Egypto, em “Crise, preguiça e descaso com o leitor”, publicado no *site Observatório da Imprensa*.⁴ Focado na cobertura local, o *Correio* soube conquistar público fiel na área prioritária de circulação. Enquanto exerceu o cargo de diretor de redação, Noblat fez algo que ninguém imaginava. Convocou uma reunião para informar todos os jornalistas que o lide havia morrido naquele jornal. “Esqueçam o lide tradicional!”, relembra José Rezende Jr.⁵

⁴ EGYPTO, 2002, disponível em: <http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>

⁵ José Rezende Jr., em entrevista à autora desta monografia em outubro de 2004.

Nessa época, investiu-se na reportagem, na ousadia gráfica e na qualidade do texto. Foi um momento de fuga da mesmice das pautas previsíveis e vontade expressa de, a cada dia, criar uma surpresa para leitor.

Abaixo, trechos da entrevista de Ricardo Noblat ao *Observatório da Imprensa*.

“Observatório da Imprensa: A imprensa brasileira está contaminada pelo vírus do jornalismo declaratório – o que significa embrenhar-se numa atividade essencialmente reativa aos fatos e quase sempre determinada pela agenda das fontes. Que riscos isso implica? Como superá-los?”

Ricardo Noblat – O maior risco do jornalismo declaratório é o de tornar os jornais intragáveis. E eles se tornaram, sim. E o de estimular a preguiça dos jornalistas. E os jornalistas se tornaram preguiçosos, sim. Essa é uma das razões que explicam a decadência dos jornais. *Os leitores querem ser surpreendidos com a publicação de histórias que desconhecem. Com a explicação de fatos que não entenderam direito. E com a antecipação de notícias que ainda estão sendo paridas.* Os jornalistas sabem disso. Os donos de jornais também. Mas pouco fazem para atender a essa justa demanda dos leitores.”⁶

De acordo com Rezende, as características acima grifadas – surpreender o leitor com histórias desconhecidas, explicar os fatos não entendidos e antecipar notícias – eram sempre citadas e exigidas pelo diretor de redação, que alegava ser esse o espírito de um jornal. “Para ele era fundamental que estivessem presentes numa publicação. Era a vida do jornal, como dizia”, conta Rezende.

“Observatório da Imprensa: Revistas e jornais parecem mais empenhados em conquistar clientes do que dispostos a atrair leitores. As estratégias comerciais estão se sobrepondo às políticas editoriais?”

Ricardo Noblat – De alguma forma estão se sobrepondo, sim. Os jornais já apelaram para toda sorte de truques com o objetivo de vender mais exemplares. *Todos os truques se esgotam rapidamente porque tudo o que os leitores desejam é um jornalismo de qualidade.* E independente acima de tudo. *Os jornais apostam pouco na qualidade. Faltam também imaginação, ousadia, atrevimento, coragem para quebrar paradigmas.* E quando se vêem apertados financeiramente, cortam páginas, mandam jornalistas embora, empobrecem o conteúdo, aumentam o preço do exemplar – e querem mesmo assim vender mais.”⁷

O jornalista Clóvis Rossi também bate na tecla da qualidade dos textos. Para ele, essa é a única coisa que diferencia o jornal dos demais veículos. “Temos que contar bem boas histórias, levar o leitor pela mão para o local dos fatos, com suas cores, sabores, odores”, diz.⁸ Além disso, Rossi diz que é função do jornal “montar o quebra-cabeça”, ou seja, já que todas as mídias

⁶ EGYPTO, 2002, disponível em: <http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>. Grifos meus. Acesso em 16/03/2005.

⁷ *Ibidem*.

⁸ ROSSI, 2005, disponível em <http://www.folha.com.br>. Acesso em 11/04/2005.

disponibilizam várias informações – as “peças” – cabe ao jornal montá-las de forma que faça sentido ao leitor.

Para o jornalista Carlos Peixoto, o modelo racional e clássico do progresso considera as crises necessárias porque engendram novas idéias e concepções nas atividades humanas. Historicamente, no entanto, não tem sido sempre assim. Há crises que desembocam em impasses e permitem o ressurgimento de idéias até então consideradas ultrapassadas. Idéias que, reavaliadas, podem oferecer a alternativa qualitativa que se procurava.

Segundo ele, o leitor atual de jornais já não se contenta com o *diálogo apressado e superficial* – isso ele pode ter ligado a TV. Hoje, o leitor quer profundidade e, nesse contexto, pensar na relação e nas influências do jornalismo sobre a literatura e vice-versa, poderá levar a saídas para a crise atual em que se debate o jornalismo.

“A crise em que se encontra o jornalismo é uma crise de valores. A ameaça da Internet aos índices de circulação dos jornais e a necessidade de equacionar responsabilidade social dos meios de comunicação com exigências do mercado globalizado – para ficarmos apenas em duas das questões que vêm sendo debatidas – são aspectos estrutural e filosófico desta crise.” (PEIXOTO *apud* CASTRO, 2002, p. 125)

As origens dos espaços estruturais não são novas. Na década de 70, o jornalista Alberto Dines as analisou de forma clara e objetiva no livro *O papel do jornal*. A conclusão, apresentada por ele, mostra que as crises econômicas nas empresas de comunicação são, necessariamente, cíclicas. Estão relacionadas aos altos custos da matéria-prima básica (o papel vegetal) e a necessidade permanente de atualização tecnológica. São problemas identificados também em outras atividades produtivas. A dificuldade em superá-los, no caso das empresas de comunicação brasileiras, está nos modelos arcaicos de administração e gerência dessas empresas. Esses modelos refletem, quase sempre, as concepções e limitações dos conglomerados familiares que detêm a propriedade dos meios de comunicação.

As soluções para esses aspectos estruturais deverão priorizar a abertura desses modelos de administração e gerência, atendendo as exigências de profissionalização, independência política e competitividade. Elas irão preservar a concepção econômica dos jornais como empresas, atuando em um mercado capitalista, e que exigem, de forma legítima, rentabilidade e garantias para a continuidade das atividades dentro de um quadro de progressão econômica. Mas, também terão que se fundar em conceitos humanísticos, como o da expressão e responsabilidade social. Portanto, para serem executáveis, as soluções estruturais terão que compatibilizar a concepção econômica das empresas de comunicação com outra, aparentemente antagônica, de natureza

subjetiva e dimensão social, que reconhece e confere ao jornalismo o status, a importância e a responsabilidade de canais essenciais à formação do indivíduo, ao exercício da cidadania e, sobretudo, à aquisição do saber necessário ao ser e estar no mundo.

“O cidadão que tem acesso às informações e condições de escolhê-las, sem perigo, está apto a sobreviver intelectualmente como homem. O mundo se estrutura de tal forma que o perigo da sobrevivência persiste sempre. Hoje, os desinformados são as primeiras vítimas da luta pela vida. Este é o grito primal do homem contemporâneo: quero saber. A perenidade dos veículos de informação e do processo como um todo se prende, assim, à constância do desafio para existir. O homem precisa saber para continuar. Precisa saber o que acabou de acontecer, mas precisa relacioná-lo com o que ocorreu no passado, encadeamento que constitui a informação total.” (DINES, 1986, p. 68)

A questão do conhecimento, para Peixoto, é o aspecto maior e mais problemático da crise:

“A concepção de *jornalismo de conhecimento* vem sendo discutida de diversas formas. O conceito é amplo. Uma tentativa de resumo, possível, está expressa na necessidade do jornalismo *se intelectualizar* e se distanciar daquela concepção limitante que se converteu em uma atividade especializada na busca e divulgação da informação.” (PEIXOTO *apud* CASTRO, 2002, p. 126, grifos do autor)

Segundo o jornalista, o que realmente falta aos jornais é uma maior atenção ao contexto político dos acontecimentos. Para ele, os profissionais da área são sempre muito precisos, mas é necessário ir mais longe, explicar melhor por que um caso surgiu de repente num determinado momento. “Os fatos e a informação estão instantaneamente disponíveis na internet. Os jornais terão que se valorizar intelectualmente” (PEIXOTO *apud* CASTRO, 2002, p.127).

Intelectualização, é portanto, a idéia que precisa ser retomada para a superação da crise do jornalismo, ou seja, a propagação coletiva dos saberes, de conhecimento. Segundo Peixoto (2002), ela vai superar o conceito de que o jornalismo é apenas a geração mecânica de informações, que podem ou não levar ao conhecimento do mundo. “Esse *conhecimento*, entendido como a apreensão do intelectual da realidade, a percepção dos fatos e das coisas, a compreensão da existência própria e alheia, enfim, a descoberta *do ser e estar no mundo*, passa a ser norma e não apenas meta do jornalismo” (p.127, grifos do autor).

Diante do atual cenário da mídia impressa, teóricos e profissionais concordam que é preciso reformular o fazer jornalístico preso às concepções técnicas, desde o levantamento da informação – o *lead* das escolas norte-americanas – à mecanização dos textos determinada pelas camisas-de-força dos projetos gráficos-editoriais adotados. Peixoto avalia que é preciso dar ao texto jornalístico a mesma atenção dada à narrativa literária, deixando para os meios eletrônicos a tarefa “limitante” da reprodução mecânica da realidade. “Uma dose de impressões a serem

processadas pela mente pode ser mais eficaz que a exata reprodução da realidade” (DINES, 1986, p. 67).

De acordo com Ignacio Ramonet, em *Médias en crise*⁹, é preciso apostar em um “jornalismo das luzes” para dissipar a parte sombria da atualidade.

“Temos que nos esforçar para permanecer fiéis aos princípios fundamentais que caracterizam nossa maneira de informar. Temos que nos interessar pelas situações que não estão sob as projeções da atualidade, mas que ajudem a melhor compreender o contexto internacional; propor dossiês ainda mais completos, mais aprofundados e melhor documentados sobre as grandes questões contemporâneas; ir ao fundo dos problemas com método, rigor e seriedade, apresentando informações e análises inéditas e frequentemente ocultadas. Temos que ir contra a corrente das mídias dominantes. A qualidade da informação depende do debate dos cidadãos.” (RAMONET, 2005, p. 7)

Para que a qualidade do conteúdo jornalístico chegue perto do ideal mencionado por Ramonet é necessário pensar no já citado jornalismo de conhecimento. O jornalista Carlos Peixoto acredita que é suficiente reaproximar as técnicas de reportagem da abordagem literária da realidade e reconduzir os jornalistas à leitura dos grandes mestres da literatura.

Em *Seis propostas para o próximo milênio*, o italiano Italo Calvino elaborou seis conceitos que deveriam ser aplicados à narrativa literária, mas que também assumem dimensão ética e filosófica válida para jornalistas. São eles: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. No texto das propostas não existe limitação explícita à aplicação destes valores a uma outra atividade que não seja a narrativa literária. O que há é um convite e um desafio: tudo o que interessa ao jornalismo.

Peixoto fez a relação entre os conceitos elaborados por Calvino e a atividade jornalística. Segundo ele, nos textos, a “leveza” de estilo é necessária à boa narrativa. “Escrever uma reportagem, mesmo uma nota de pé de página, é contar uma história e o profissional deve apostar na naturalidade do texto” (PEIXOTO *apud* CASTRO, 2002, p. 130). Já a “rapidez” é fundamental para dominar as técnicas de redação e o uso das novas tecnologias. A “exatidão” é a referência básica para a objetivação nos textos, a escolha das palavras, a excelência no estilo. A “visibilidade” ou clareza no texto jornalístico é a via da objetividade e da competência na transmissão das imagens mentais que precisam ser construídas pelo leitor para que ele se envolva

⁹ RAMONET, Ignacio. *Médias en crise*, 2005. Artigo publicado no *Le Monde Diplomatique*. Disponível em <http://www.monde-diplomatique.fr>. Acesso em 19/04/2005.

com a notícia. “Para o jornalista, a visibilidade pode ser entendida como a exigência da capacidade para centrar o foco de visão sobre a realidade, sobre o fato ou personagem gerador da notícia, sem perder a percepção periférica da paisagem, dos coadjuvantes e das circunstâncias” (PEIXOTO *apud* CASTRO, 2002, p. 130).

Para Carlos Peixoto, a melhor tradução para o jornalismo da quinta proposta de Calvino – multiplicidade – é a chamada contextualização. A multiplicidade se dá no sentido de conhecer a rede de conexões entre fatos, pessoas, natureza e realidade social. A “consistência”, última proposta de Calvino, foi a única que o italiano não chegou a explicitar em suas palestras, pois morreu antes. Apesar disso, talvez seja entre todas as alternativas, a mais importante para o conceito de “jornalismo de conhecimento”. De acordo com Peixoto, a consistência é a qualidade do que é permanente, duradouro, contínuo. “Consistência como verossimilhança do texto da notícia com a realidade – ou corte da realidade – que ele reproduz. Consistência como percepção metafísica de que a missão do jornalismo transcende a temporalidade fixada pela data de cada edição impressa” (PEIXOTO *apud* CASTRO, 2002, p. 132).

4.1 Reportagem: sangue de todos os tipos de jornalismo

O que confere credibilidade a um texto são os detalhes.
Gabriel García Márquez

Ricardo Noblat é um dos defensores da volta da grande reportagem aos jornais impressos diários. Segundo ele, “mais valem cinco boas histórias por dia – inéditas, bem apuradas, bem escritas, inteligentemente editadas e capazes de capturar a atenção dos leitores – do que centenas de notícias reunidas às pressas e sem maiores critérios” (NOBLAT, 2003, p. 152). Assim como Noblat pensa Cremilda Medina, que lembra que a reportagem amplia uma simples notícia, aprofundando o fato no tempo e no espaço.

“As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da contemplação de fatos que situam e exemplificam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato.” (MEDINA, 1987, p. 134)

É por meio da reportagem que o jornalista consegue dar a dimensão do fato acontecido ao leitor, trazer o lado humano, o contexto. “É lamentável que a narração jornalística se tenha

desumanizado, a ponto de nela se valorizarem coisas como índices e percentagens, mais do que falas, emoções e identidades humanas”, lamenta o jornalista Carlos Chaparro, em *As formas não se opõem à arte de escrever*, publicado no site *Comunique-se*.¹⁰ Para ele, é uma pena que o jornalista tenha deixado de ser “um bom contador de histórias”. No texto, Chaparro diz que os jornalistas, em especial os da velha guarda, lamentam o desaparecimento da reportagem literária, na qual brilhavam os jornalistas-escritores.

“Eu mesmo já me insurgi, aqui, várias vezes, contra a adesão preguiçosa ao texto meramente técnico, que contamina redações da informação diária. Em agosto do ano passado, escrevi o seguinte: ‘(...) Faltava ao jornalismo de hoje algo que dê tom e conteúdo: a narrativa humanizada. Protagonistas que sejam valorizados pelos discursos direto e indireto, habilmente dosados. Gente que tem nome e história, que pensa, fala, se emociona. Mas protagonistas, falas e emoções que a ação narrativa submeta a pontos de vista do autor, no desvendamento do que existe antes e para além dos fatos. Com um detalhe, fundamental: interação entre o escritor e o leitor para quem escreve’.”¹¹

Segundo Chaparro, na citação mencionada está contida uma síntese das amarguras “de todos nós, que tanto gostávamos e gostamos do sabor literário do jornalismo de antigamente”. Para ele, umas das grandes sedução do jornalismo está na forma – recursos de linguagem que ajudam à eficácia do jornalismo, em sua natureza de discurso de relato e comentário dos fatos da atualidade e das ações e falas humanas que interferem ou podem interferir na vida das pessoas.

Para Chaparro, jornalismo é uma linguagem preponderantemente influenciada pela necessidade de atender, de imediato, às expectativas do destinatário. Ao contrário da literatura, em cujas razões estilísticas prevalece a personalidade do autor, o jornalismo tem nas expectativas do destinatário o fator determinante das escolhas estilísticas. E isso tem a ver com os chamados gêneros jornalísticos – formas de texto que dão eficácia às ações jornalísticas, cujo sucesso deve ser imediato. Não são apenas formas de escritura, mas, também, códigos que organizam as expectativas do leitor, para as interações com o texto. Por isso, segundo Carlos Chaparro, a “forma” *entrevista* é eficaz para relatar diálogos; a “forma” *reportagem* é eficaz para relatar, valorar, contextualizar e tornar compreensíveis acontecimentos de certa complexidade; a “forma” *notícia* é eficaz para relatar fatos para cuja compreensão bastam os saberes contidos no próprio fato; a “forma” *artigo* é eficaz para comentar, analisar e propor ajuizamentos sobre fatos e temas relevantes da atualidade.

¹⁰ CHAPARRO, Carlos. *As formas não se opõem à arte de escrever*. Disponível em <http://www.comunique-se.com.br>. Acesso em 10/05/2005.

¹¹ *Ibidem*.

“As formas, ou gêneros, servem, portanto, à lógica de eficácia que marca o estilo do jornalismo. Trata-se de uma limitação? Sem dúvida. Mas nessa limitação está, ou pode estar, o grande estímulo à criatividade, na escrita jornalística. Até porque forma e conteúdo jamais foram inimigos ou coisas excludentes. É sempre possível dar trato de arte ao texto jornalístico.”¹²

Tom Wolfe diz que quando se passa da reportagem de jornal para essa nova forma de jornalismo – o *new journalism* – descobre-se que os dados não são mais a unidade de reportagem básica. Esse papel passa a ser o da cena.

“Portanto, nosso maior problema como repórter é, apenas, conseguir ficar ao lado da pessoa sobre quem escrevemos durante tempo suficiente para as cenas ocorrerem diante de nossos olhos. Não há regras nem segredos profissionais de reportagem que possam ajudar alguém a conseguir isso; depende inteiramente de um teste de personalidade. Fazer reportagens nunca se torna mais fácil porque você já fez muitas. O problema inicial é sempre abordar gente completamente desconhecida, penetrar em sua vida de algum modo, fazer perguntas que você não tem nenhum direito natural de esperar que sejam respondidas, pedir para ver coisas que não são para você ver, e assim por diante. Muitos jornalistas acham isso tão pouco cavalheiresco, tão embaraçoso, tão aterrorizador mesmo, que nunca conseguem dominar esse primeiro passo essencial.” (WOLFE, 2005, p. 83)

Hoje, o jornalismo literário – que durante alguns anos ousou, trazendo para as reportagens emoções, pensamentos, crenças, hábitos – foi transformado em algo raro na imprensa brasileira. Para o jornalista e escritor Sérgio Vilas Boas, a “falta de sensibilidade e entusiasmo” dos jornalistas é um dos fatores desse quadro. Segundo ele, “tanto as empresas quanto os jornalistas desconhecem que é possível alternar notícia com jornalismo literário dentro de jornais e revistas”.

“Há que dosar. Não se pede que um jornal inteiro tenha só jornalismo literário, e nem só reportagens quadradas, limitadas pelos centímetros das páginas. Mas o que se vê é que não há ao menos uma publicação que traga jornalismo literário. Além disso, é errado pensar que o jornalismo literário não é modo de ver a realidade. Nos anos 60, a mídia impressa publicava muito jornalismo literário. Os repórteres da época queriam liberdade narrativa, queriam grandes matérias. E o jornalismo literário é de base autoral, artística, requer uma certa habilidade artística do repórter. Assim, saíam mais a campo, observavam, perguntavam, enxergavam não só com os olhos, sentiam o fato. Aliás, ser um jornalista literário era privilégio, talvez o posto mais desejado pelos repórteres iniciantes. As grandes reportagens davam gosto ao jornal.”¹³

De acordo com Vilas Boas, o abandono do jornalismo literário se deve à mecanização da notícia, o que fez com que o jornalismo literário ficasse restrito a trabalhos autorais, trabalhos de conclusão de curso, pesquisas, ou a projetos patrocinados por instituições culturais. Desta forma,

¹² CHAPARRO, Carlos. *As formas não se opõem à arte de escrever*. Disponível em <http://www.comunique-se.com.br>. Acesso em 10/05/2005.

¹³ Sérgio Vilas Boas em entrevista à Faculdade Cásper Líbero (SP), em 9 de dezembro de 2002. Disponível em <http://facasper.com.br/jo/>. Acesso em 01/05/2005.

há cada vez menos divulgação sobre o gênero, menos o leitor toma conhecimento e, conseqüentemente, há menos desejo pelo tema.

As relações entre jornalismo e literatura têm sido problemáticas desde o início. Segundo o professor de literatura e comunicação da Universidade de Sevilha Manuel Ángel Vásquez Medel, enquanto a criação literária se orienta para o importante, a informação jornalística se orienta para o urgente. “Parece que aquela [literatura], sem abandonar a dimensão lúdica e frutiva, deve encaminhar-se para o essencial humano. A atividade informativa, ao contrário, aponta para o efêmero, passageiro, circunstancial” (MEDEL *apud* CASTRO, 2002, p. 18).

Sobre o assunto, o jornalista Manuel Ribas, em *El periodismo es un cuento*, diz que jornalismo e literatura sempre foram o mesmo ofício, uma vez que o jornalista é um escritor, trabalha com palavras e busca comunicar uma história:

“Quando têm valor, o jornalismo e a literatura servem para o descobrimento de uma outra verdade, do lado oculto, a partir da investigação de um acontecimento. Para o escritor jornalista ou jornalista escritor a imaginação e a vontade de estilo são as asas que dão vôo a esse valor. Seja uma manchete que é um poema, uma reportagem que é um conto, ou uma coluna que é um fulgurante ensaio filosófico. Esse é o futuro.” (RIBAS, 1998, p. 23)

O jornalista Gustavo de Castro acrescenta:

“Na interdependência entre o mundo do livro e o mundo não-escrito dos acontecimentos, podemos fazer um paralelo entre o escritor e o jornalista. Ambos compartilham o ofício da escritura, necessitam da leitura (do mundo e dos livros) como fonte primordial a alimentá-los, embora utilizem a palavra com forças distintas. Somente pela escolha da palavra ou do ato da escrita é que a intensidade do não-escrito se torna legível, isto é, pela preferência entre umas palavras em detrimento de outras, pela riqueza do vocabulário, as incertezas da ortografia, os equívocos, os lapsos, as metáforas, a lógica dos argumentos, a mudança de ritmo e de assunto, os saltos entre o imaginário e a realidade. O jornalista traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos os mais variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para transformá-la em narração. Para o escritor é o inverso. O mundo exterior também é fundamental, mas não determinante como o é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura, fazer da memória a fonte da sua escritura, tornar eventos pouco jornalísticos significativos do ponto de vista humano, e até mesmo fazer o jornalismo virar literatura.” (CASTRO *apud* CASTRO, 2002, p. 73)

Edvaldo Pereira Lima lembra que a contribuição da literatura ao jornalismo não é o conteúdo ficcional, mas as técnicas narrativas. Segundo ele, o jornalista pode aprender essas técnicas e as trazer para aplicar à cobertura da vida real. Da mesma forma pensa o jornalista Sérgio Vilas Boas. Ele afirma que um bom jornalista literário, além do conhecimento dos fatos, precisa ter muita criatividade para contar visões de mundo complexas.

“O repórter tem que sentir a essência das coisas, ter sensibilidade. Acredito também que não dá para se fixar apenas no jornalismo, é preciso conhecer diversas áreas, como

psicologia, antropologia, sociologia, história. Afinal, a construção do sujeito se dá não só por suas características e ações, mas por todos que o rodeiam, pelo trabalho, pelos estudos. O autor discute com o leitor as escolhas que faz, justifica esse e não o outro caminho tomado. Revive-se o personagem através das palavras.”¹⁴

De acordo com Edvaldo Pereira Lima, o jornalismo literário ajuda a criar impacto intelectual e emocional transformador da consciência social – papel pouco cumprido pelo jornalismo impresso diário. Ele afirma que do final dos anos 90 para cá, alguns jovens jornalistas têm demonstrado certa desilusão com o jornalismo convencional, procuram um jornalismo mais vibrante e descobrem uma tradição.

“O jornalismo literário é uma forma de praticar a reportagem não resumida ao veículo impresso. O jornalismo se resume ao jornalismo informativo. Ele é importante e desempenha uma função relevante, porém não cumpre todas as necessidades e todas as funções do jornalismo. Para essa função de aprofundamento da realidade, precisamos do jornalismo de reportagem, e um dos caminhos para isso é o jornalismo literário. Não há porque brigar e querer imaginar uma oposição entre eles. Cada modalidade cumpre seu papel e no conjunto se complementam trazendo o enriquecimento da prática jornalística.”¹⁵

Em entrevista ao *site* Comunique-se, o presidente da Associação Nacional de Jornais e diretor-presidente do grupo RBS, Nelson Sirotsky, lembrou que a reportagem é o sangue do jornalismo. Segundo ele, dos jornais que apresentam crescimento de circulação no Brasil e no mundo são aqueles que investem na reportagem com qualidade, tempo e recursos, como o jornal francês *Le Monde Diplomatique*, por exemplo.

A exemplo de Sirotsky, Gustavo de Castro enfatiza que uma das saídas para o jornalismo contemporâneo é voltar a investir na narração, ou na velha fórmula da boa história a se contar, sem, contudo, deixar de mesclar a velha regra do lide americano (com as cinco perguntas básicas) a outras técnicas. Todavia, lembra Castro, isto requer um novo aprendizado profissional, pois implica em jornalistas com capacidade de não só contar sempre uma boa história, mas de prender o leitor desde a primeira linha.

A narração representa um ideal estilístico para quem quer que se aventure no relato de histórias e fatos, já que implica no conhecimento adequado da palavra, do sussurro de cada frase, do andamento do texto, do ritmo.

Segundo Castro, o estilo – como método de pensamento e gosto literário, agilidade e rapidez de raciocínio, economia e bom uso dos argumentos – é tão importante na literatura

¹⁴ Sérgio Vilas Boas em entrevista à Faculdade Cásper Líbero (SP), em 9 de dezembro de 2002. Disponível em <http://facasper.com.br/jo/>. Acesso em 01/05/2005.

¹⁵ Edvaldo Pereira Lima em entrevista à autora desta monografia em 08/04/2005.

quanto no jornalismo. O sucesso de quem escreve implica uma paciente procura da justa expressão, da frase em que todos os elementos pareçam insubstituíveis, denso de significado, adicionado às formas breves, simultaneamente, leves e profundas.

“Não é nada simples o desafio que o jornalismo contemporâneo parece ter de enfrentar para adaptar-se aos tempos, avançando em complexidade e riqueza. Há nesse desafio, um apelo contundente por novas narrações que parece advir da própria noção de realidade, que o jornalismo almeja conhecer tão bem. Para a narração, exige-se desprendimento gradual, despojamento progressivo e entrega crescente à andadura que se estabelece, quase que autonomamente. (...) Escritores e jornalistas participam assim do mesmo universo: o da narração. Descritores de fatos, coisas, cenas, lembranças e idéias, vivem de contar e escrever histórias, geralmente sobre o frágil suporte do papel”. (CASTRO *apud* CASTRO, 2002, p. 79-83)

Florence Dravert, doutora em ciências da linguagem pela Universidade de Paris, acrescenta que a literatura é a esperança da comunicação. Para ela, é por meio da literatura que o homem exerce sua singularidade, de forma universal, uma vez que a literatura é uma forma de expressão oral ou escrita que atravessa os tempos da história humana. Para qualquer obra literária há uma tradução possível, que vai permitir que, ultrapassada a barreira lingüística, todos possam ler e compreender aquela obra.

Outro ponto abordado por Dravert é a elitização da literatura. Segundo ela, esse é um conceito que precisa ser repensado porque as narrativas literárias não nasceram da elite, mas do mito, da crença, das histórias narradas para dar sentido à existência humana. Além disso, afirma Dravert, a literatura é capaz de democratizar o conhecimento na medida em que, enquanto realidade universal e singular, pode proporcionar a descoberta do outro, próximo e distante, permitindo que o leitor se reconheça no outro e reconheça o outro em si.

“A literatura é, portanto, um dos instrumentos mais poderosos da comunicação de massa em que ainda se pode acreditar. O jornalismo não pode suplantar a informação contida nas narrativas literárias para se tornar a única fonte de cultura de uma massa considerada inculta e por isso menosprezada. Ao contrário, precisa beber na fonte literária para educar o leitor semimorto, abandonado à sua própria sorte pela indústria da informação. Os jornalistas, como os escritores, precisam ler e escrever, compreender e interpretar, exercer sua sensibilidade, saber conhecer através dos escritos e ditos dos outros. Mas precisam sobretudo dar vida nova ao leitor que está morrendo. Porque o patrimônio cultural e universal que é a língua não existe por si só, mas de nossa subjetividade para se transformar em objeto de arte, poesias, músicas, lições, mas também em notícias e crônicas. E se esse papel é, hoje, o do jornalismo, é porque a indústria da informação tomou, nas sociedades modernas, parte da cena da educação.” (DRAVERT *apud* CASTRO, 2002, p. 90-91)

5. ESTUDO DE CASO: JOSÉ REZENDE JR.

5.1 Perfil

A vida no interior é diferente da vida na cidade. O ritmo e a rotina são outros. As pessoas têm tempo para ouvir os “causos”, tão comuns entre mineiros. Nessa rotina cresceu José Rezende Jr., que, provavelmente por ter sido uma “criança de interior”, veja o mundo com mais cuidado. Num dos apartamentos da quadra 203 da Asa Norte, Aimorés – cidade onde nasceu – foi recriada em quadros que ilustram cantos privilegiados pelo olhar minucioso do jornalista. Admirador do contrerrâneo e fotógrafo Sebastião Salgado, Rezende brinca com a proximidade. Diz ser o segundo melhor fotógrafo da pequena cidade mineira.

Quem olha esse pequeno homem, de menos de 1,70m de altura, não imagina que está diante do “grande Rezende”, como é lembrado pelos amigos. Calado, encolhido no sofá, esconde melhor a idade que a timidez e mesmo envergonhado, deixa transparecer a satisfação ao saber do orgulho dos colegas ao falar dele. Esse ourives das palavras é reconhecido pelos ex-colegas de trabalho e demais admiradores pela técnica e cuidado usados para narrar fatos. Apesar de não admitir, em Brasília, Rezende é exemplo de jornalista literário. Ao longo dos anos, desenvolveu o que chama de “enxergar com o olhar do outro”, que segundo ele, contribui para a fixação do leitor às reportagens.

Poderia também ser miniaturista. Ao entrar no apartamento tem-se a sensação de se transportar para uma casa do interior. Como mora sozinho, cada aresta reflete um pouco da personalidade. Tudo é categorizado. Nas paredes amarelo mostarda, quadros retratam lugares, animais, mulheres. Sistemáticamente organizados. Na estante dos livros, oito obras diferentes do autor preferido: João Guimarães Rosa. As 594 páginas de *Grande Sertão: Veredas* foram lidas completamente três vezes, mas são sempre revisitadas por Rezende, que só deste clássico, possui três exemplares, inclusive, a primeira edição.

Jornalista há 20 anos, foi para Belo Horizonte aos 18, e em 1981, graduou-se em comunicação. Lá conviveu com poetas e revolucionários, pessoas que possivelmente contribuíram para a formação do estilo de sua narrativa. “As pessoas são feitas de vários pedacinhos. Tudo que vivi contribuiu para chegar à maturidade do meu texto.”¹⁶ Rezende

¹⁶ José Rezende Jr., em entrevistas concedidas à autora desta monografia entre outubro de 2004 e março de 2005.

expressa nas matérias o mesmo detalhismo e preocupação que tem com a decoração do refúgio. Característica desenvolvida desde cedo, conta que quando menino, as redações escolares eram repletas de pormenores, motivo que levava os professores a acreditar que eram escritas por um dos três irmãos – conhecidos no colégio por escreverem muito bem. Nem a descrença dos mestres o desestimulou, e, hoje, compara a riqueza das matérias à criatividade das redações produzidas na escola. “A qualidade dos textos vem da apuração minimalista, lenta. Sempre me preocupei com os detalhes que importam, que fazem a diferença”, conta.

5.2 Arte de observar

Ultimamente, encontrada em menor frequência no jornalismo diário, a grande reportagem, com toque literário, ilustrou as páginas do jornal *Correio Braziliense* em 1996. Na série dominical *Crimes Violentos*, Rezende teve a possibilidade de ousar. A missão: contar de forma diferente cinco crimes pouco conhecidos no Distrito Federal.

“28 de setembro de 1991. Sábado à noite. O anjo da morte caminha pelas ruas do Setor ‘O’, Ceilândia. Quase um menino, o anjo tem 15 anos, é muito magro, usa óculos e sofre do estômago. Leva uma Bíblia debaixo do braço.

Veste o paletó marrom: mais um motivo para que as casas se fechem de medo quando ele passa. Sempre que recebe a missão de avisar alguém sobre a proximidade da morte, Odelton escolhe o paletó marrom. “Não sou eu quem escolhe. É Deus”, corrige em pensamento, diante de portas e janelas fechadas.

O anjo da morte pára diante da casa, uma das mais pobres da rua. Pede licença, entra. Há muitas pessoas na sala minúscula, quase todos evangélicos como ele – mas, ainda assim, pecadores: bebem cerveja. Talvez estejam comemorando alguma coisa. Talvez, em breve, não tenham mais o que comemorar.

A dona da casa, a manicure Dalma, velha conhecida de Odelton, segura um vidrinho de esmalte cor de rosa. Mas a atenção do anjo da morte fixa-se em outra mulher, a que tem os pés de molho numa bacia com água. A mulher devolve o olhar por um segundo. Depois, abaixa a cabeça.

O anjo da morte avisa: traz uma mensagem. Ele conhece bem o nome do remetente: Deus. Mas desta vez ignora o destinatário. Odelton abre a Bíblia, fecha os olhos e medita. Em seguida, olha nos olhos de cada um. E anuncia, com uma voz que já não pertence ao menino magro de 15 anos: ‘Nosso senhor Jeová, o Deus de Israel, avisa: uma das vidas entre nós hoje morrerá. Mas se houver arrependimento, o laço poderá se quebrar’.” (CORREIO BRAZILIENSE, 5 de fevereiro de 1996)

Assim começa *Anjo da Morte*, primeira reportagem da série, que retrata alguns dos mais violentos crimes ocorridos no DF. Em duas páginas inteiras de jornal, Rezende descreve as cenas dos assassinatos. “Os detalhes ajudam o leitor a entrar na matéria. Em vez de adjetivar, prefiro descrever. O leitor não estava lá. Não viu. Cabe a mim contar.”

Para atingir o nível do texto que tem hoje, lembra que demorou anos e ressalta que a apuração é fundamental nesse contexto. Passou entre dois e três meses buscando informações até começar a publicar a série. Começou pelo que denomina de “fantásticas obras literárias mal escritas”: os inquéritos policiais. Depois procurou todas as pessoas envolvidas e confessa que muitas entrevistas só foram conseguidas pela forma sutil de abordagem.

Rezende diferencia fontes e personagens e afirma que por trabalhar com a segunda categoria, muitas vezes a relação era quase um pedido de favor. “São pessoas comuns, não têm obrigação de falar. Dependendo da vontade delas.” A ousadia do retorno ao jornalismo literário nessa publicação fez diferença. Foi notada pelo leitor e o resultado reconhecido pelas pessoas. Na época em que as reportagens foram publicadas, o telefone da redação do jornal tocava constantemente. Eram os leitores, pessoas comuns, parabenizando Rezende pelos textos, que mais pareciam ficção de tão bem descritos.

Trabalhou como repórter especial em jornais e revistas como *IstoÉ*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*. Mas sempre quis fazer literatura. Perfeccionista, achou melhor largar o jornalismo. O motivo? Alegou que não faria bem as duas coisas ao mesmo tempo. Ele diz que escrever bem exige muito da mente. Depois de passar horas no jornal, chegava em casa esgotado e não tinha cabeça para mais nada. “Trabalho muito nos textos. Para fazer bem literatura precisava me dedicar só a isso.” E foi o que fez.

Afastado das redações há pouco mais de três anos, Rezende não descarta a possibilidade de voltar a se dedicar ao jornalismo. Os olhos brilham ao falar da profissão, mas deixa claro que, se voltasse, seria para um jornal ou revista que tivesse uma proposta diferenciada, na qual se valorizasse a grande reportagem. “Com a rapidez da difusão da informação, os jornais vão acabar tendo que voltar para as grandes reportagens. O superficial fica para a televisão, para o rádio. Cabe ao jornal dar a notícia completa.”

5.3 Processos de apuração

Os jornalistas literários e narradores da realidade provam que é possível escrever sobre qualquer tema. Desprezam o compromisso com o “gancho”, jargão jornalístico que tão fortemente determina a vida e a morte dos temas que merecerão cobertura na mídia.

Em “Registros breves para uma história futura”, texto retirado do *site Texto Vivo*, Edvaldo Pereira Lima diz que no jornalismo literário o horizonte de tempo não se limita à atualidade. “O objetivo central não é direcionar o foco de visão a um fato noticioso estreito, mas abarcar a vida como ela é, nas suas grandezas escondidas por detrás das rotinas”.¹⁷ Por isso, segundo ele, os narradores do real aplicam talento a todos os setores da vida moderna: da política à economia, do esporte à viagem, da educação à ciência. Dedicam-se meses a fio para compreender e narrar com propriedade as dimensões humana, social e econômica.

A observação, para José Rezende Jr., é essencial na captação de uma “grande pauta”. Isso vale tanto para textos de jornalismo literário como para matérias comuns, feitas no dia-a-dia. O interesse pela história das pessoas faz com que a apuração dos textos seja minimalista e longa. “Quando vejo um menino vendendo bala na rua, por exemplo, isso me chama a atenção. Fico imaginando como será a vida desse menino. É uma curiosidade natural. Será que ele fica o dia todo no sol? Obviamente ele não usa protetor solar. Será que estuda? O que faz com o dinheiro? As pessoas me chamam muito a atenção. Se estou trabalhando e vou entrevistar alguém, já quero saber tudo sobre essa pessoa. Sou um apurador quase que obsessivo”, relata.

A constância das perguntas feitas por jornalistas preocupados apenas com o factual faz com que as respostas dos entrevistados se tornem quase mecânicas. De acordo com Rezende, não raro, em suas entrevistas, as pessoas perguntavam se ele iria escrever um livro sobre elas, tamanha a quantidade de informação que possuía. “Nunca tinham me perguntado isso. Não tinha parado para pensar sobre isso.” Essas são declarações constantes ouvidas pelo incansável apurador.

Quando entrevistou Moacyr Scliar em 1997 para série *Arte de Escrever* do caderno de Cultura do jornal *Correio Braziliense*, o escritor disse: “Rezende, você está revirando as minhas entranhas. Está me obrigando a racionalizar coisas que para mim não eram racionalizáveis”.

¹⁷ Disponível em <http://www.textovivo.com.br>

Para Rezende, o grande diferencial do trabalho que faz consiste na vontade de conhecer, saber e entender o outro. “Quando estou entrevistando uma pessoa, procuro saber além das coisas que todos os jornalistas perguntam. Pergunto dos sonhos, se a pessoa dorme bem, se ela sonhou com o fato ocorrido, o que ela sentiu. Eu pergunto muito isso: sobre os sentimentos.”

Alguns jornalistas criticam essa postura e dizem que não se pode escrever uma reportagem dizendo que “fulano pensou”. Para Rezende, essa é uma técnica válida. “Se você estabeleceu uma relação com o entrevistado, passou horas com ele, almoçou, jantou e pergunta especificamente o que passou pela cabeça dele em determinado momento e dependendo da resposta que a pessoa der, você pode dizer se tem coerência com o que você conhece dela.”

“O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim desejar, como fazem muitos escritores, ou assumir o papel de um observador neutro, como outros preferem, inclusive eu próprio. Eu procuro seguir os objetos da minha reportagem de forma discreta, observando-os em situações reveladoras, atentando para suas reações e para as reações dos outros diante deles. Tento apreender a cena em sua inteireza, o diálogo e o clima, a tensão, o drama, o conflito, e então em geral escrevo do ponto de vista da pessoa retrata, às vezes revelando o que esses indivíduos pensam durante os momentos que descrevo. *Esse tipo de insight depende, naturalmente, da cooperação total da pessoa sobre a qual se escreve, mas se o escritor goza de sua confiança, é possível, por meio de entrevistas, fazendo as perguntas certas nas horas certas, aprender e reportar o que se passa na mente de outras pessoas.*” (TALESE, 2004, p. 9-10, grifos meus)

O nível de detalhe e envolvimento absorvido nas matérias de Rezende só são possíveis a partir dessa apuração exaustiva.

“16 de julho de 1995. Não demora muito e as formigas começam a chegar. No princípio, eram poucas. Vieram do quintal, entraram pelas frestas do barraco de tábuas azuis. Agora são muitas e estão com fome. Talvez tenham farejado o sangue das feridas. Talvez tenham vindo pelo cheiro de doce que exala da menina morta. Criança adora doce. Formiga também.

Quando os primeiros insetos subiram pela canela de Leila, ela ainda estava viva, mas já não tinha forças para espantá-los. Agora, depois de morta, os bichos vão tomando conta da menina, tão magra e pequena que alguém exagera: ou os peritos criminais chegam logo para remover o corpo, ou as formigas saem arrastando Leila pelo quintal afora.” (CORREIO BRAZILIENSE, 2 de junho de 1996)

Castigo relata o assassinato de uma criança de 11 anos a pauladas pela mãe e pelo padrasto. Leila morreu há duas semanas do décimo primeiro aniversário. A violência foi assistida por Leandro, irmão mais novo da vítima e única testemunha do crime. Rezende lembra que durante a apuração da série *Crimes Violentos*, o desgaste emocional foi grande. Além disso, insônia e pesadelos se misturavam à pressão do trabalho. “Foi doloroso. Eu me contagio muito. Mas é preciso buscar a força dentro de você porque o trabalho tem que ser feito”, diz.

1996. Ano da “encomenda” das reportagens. Ricardo Noblat, então diretor de redação do *Correio Braziliense*, pede ao mineiro José Rezende Jr. que selecione dez crimes pouco conhecidos no Distrito Federal para fazer uma série dominical. A encomenda foi assim: “Escolhe aí. Eu quero a história numa linguagem entre a linguagem jornalística e a literatura”, relembra Rezende as palavras do chefe.

Sem saber por onde começar, o primeiro passo foi conversar com Antonio Vital, repórter policial do *Correio*. “Eu pensei: ‘Se ele lembrar do caso é porque a coisa foi realmente feia’.” Com o colega de trabalho conseguiu cerca de 20 crimes, que foram sendo descartados a partir do conhecimento das histórias. O grau de apuração que se cobrou foi tão grande que, dos dez crimes pedidos inicialmente, restaram, para a série, cinco histórias cruéis. “Peguei os crimes que permitiriam trabalhar bem as histórias. Depois fui na delegacia de homicídios e pesquisei os crimes lá. Eu dei plantão na delegacia durante um bom tempo, porque eu não podia levar os inquéritos para casa, nem tirar cópias deles, o que dificultava meu trabalho.”

Durante os meses em que trabalhou nessas matérias, Rezende lembra que muitas vezes chegou a se assustar com a quantidade de informação que possuía. “Você fica pisando em ovos para tentar não agredir tanto as pessoas. Eu tento fazer meu trabalho da forma menos ofensiva possível, mas não fico sem a informação. Acho que tudo depende da forma como você pergunta.”

O relato da apuração de Rezende é exemplo do que deve ser feito, na opinião de Edvaldo Pereira Lima. Para o jornalista e escritor, o processo de apuração de um jornalista literário tende a ser mais rigoroso e amplo, no que refere a captação, observação e conferência de dados. “Há quase uma exaustão de dados coletados. Além dos dados factuais e concretos, a apuração também envolve aspectos sutis e subjetivos – dados do ambiente, da intensidade dramática de um acontecimento, do universo interno – sonhos, pensamentos – dos personagens. Demanda mais tempo de produção do que o jornalismo diário. E ao contrário deste, não tem a obrigação de ‘ouvir’ dois lados opostos de um mesmo assunto.”¹⁸

Imparcialidade. Essa é uma das características mais destacadas nos cursos de jornalismo. Todos dizem que o profissional deve ser isento de opinião, apenas relatar os fatos ocorridos. Na prática, não é bem assim que acontece e em diversas matérias, mesmo que camuflada, lá está a opinião do jornalista. Em muitos casos, para disfarçar mais a opinião, eles buscam entrevistar

¹⁸ Edvaldo Pereira Lima em entrevista à autora desta monografia em 8 de abril de 2005. Doravante, a sigla EPL sempre fará referência à esta entrevista.

peessoas que validem suas idéias. Edvaldo Pereira Lima lembra que é “impossível” e “falacioso” achar que se consegue isenção total e visão objetiva da realidade social através de uma atitude de total isenção. “Não existe isso. Nossa visão de mundo é condicionada por uma série de fatores. O mais honesto é assumir um ângulo de leitura da realidade, expressá-lo ao leitor e procurar cobrir aquele universo da melhor maneira possível. O leitor aceita esse pacto, desde que o autor não parta para a distorção consciente da realidade”, afirma. (EPL, 2005)

Já o jornalista Humberto Werneck pensa que só se deve opinar em editoriais. Para ele, o jornalista literário tem que “contar as coisas como são e saber separar a opinião do fato em si”. Tenho uma dificuldade grande em aceitar um certo jornalismo editorializado. “Foge-se da narração da história para fazer uma consideração qualquer. Deve-se contar a história de um lado e fazer o editorial de outro. Não é bom misturar as coisas.”¹⁹

Por princípio, o jornalista deve ser isento, imparcial. Mas para Rezende, esse é apenas um princípio. Por quê? Segundo ele, o profissional deve sempre procurar a verdade, ouvir os outros lados etc. “É a primeira lei que a gente aprende na faculdade, certo? Ela continua em vigor. Agora, isenção, imparcialidade não significa dar ao esquartejador o mesmo espaço que você dá para contar a tragédia da esquartejada, certo?”, explica.

Para Rezende, nesse caso, o jornalista não emite opinião, mas relata um fato acontecido: “Um fato horrível, trágico, que foi alvo de inquérito, confissão, processo, julgamento, condenação.”

O jornalista lembra que, durante a apuração dos casos de *Crimes Violentos*, muitas histórias aconteceram. Rezende conta que a relação com Paulinho, jovem que matou a mãe em março de 1992 a facadas – crime relatado em *O avesso de Édipo* – foi “comovente”. “Não ficamos amigos, mas a história dele me tocou. É muito triste e essa tristeza transparece no texto. Mas o texto não o absolve. Ele matou a mãe, e isso não dá para mudar, e por isso ele foi condenado e talvez apodreça na prisão. Mas a motivação para o crime é confusa, e essa confusão está no texto. O desespero dele é enorme, e esse enorme desespero também está no texto.”

“Paulinho espera por ele (*suposto ladrão*) atrás da porta da sala de tevê, com a faca na mão. São 20 centímetros de lâmina serrilhada. É o suficiente.

Paulinho enxuga o suor da mão no jeans, marca *Pierre Cardin*: não quer que a faca escorregue na hora H. O coração dispara. O medo, agora, é maior que a raiva.

Mesmo assim, prepara o bote. Escondido atrás da porta, não vê o alvo. Calcula a distância pela sombra projetada no piso, que vai crescendo a cada passo do ladrão. Quando

¹⁹ Humberto Werneck em entrevista à Faculdade Cásper Líbero (SP), em 9 de novembro de 2002. Disponível em <http://www.facasper.com.br/jo/>. Acesso em 15/03/2005.

a sombra cresce tanto que parece escurecer o mundo, Paulinho dá a primeira facada. Ainda tem tempo de ouvir a voz: ‘Filho, não faz isso, eu sou sua mãe.’

Mas é muito tarde. Paulinho dá outra facada. Depois outra, outra e mais outra, perfurando a clavícula, o braço, a orelha e a boca da mãe. Até que a faca se quebra. Agora, a mãe está caída de bruços.

O filho pega uma corda de varal, dobra para ficar mais resistente, enrola no pescoço dela. Neuza tenta resistir. A corda escorrega para a boca. Mesmo assim, o filho puxa com força. Depois, enrola outro pedaço no pescoço da mãe e puxa com mais força.

Por fim, abre a garrafa de Olho d'Água, cachaça fabricada em São José do Mipibu, Rio Grande do Norte, e derrama o líquido sobre o corpo da mãe. Risca o fósforo.”
(*CORREIO BRAZILIENSE*, 19 de maio de 1996)

A questão é: este texto emite a opinião de Rezende ou é fruto de muita apuração? Uma apuração longa e detalhada permitiu que o jornalista chegasse a essa interpretação dos fatos. “Fico com a segunda hipótese”, enfatiza.

Apesar das divergências em torno do tema, todos concordam que para obter uma boa reportagem literária é fundamental a imersão plena do repórter na realidade, retratos humanos dignos das pessoas envolvidas, texto autoral de qualidade e equilíbrio entre razão e emoção. Porém, agregar essas qualidades não é tão simples quanto parece. Edvaldo Pereira Lima atribui o sucesso de uma reportagem literária ao conhecimento. “É necessário o aprendizado de conceitos, princípios, métodos, técnicas, história. Tem que conhecer os grandes nomes dessa escola narrativa – o jornalismo literário. Estimular a leitura de bons textos – jornalísticos e também da literatura de ficção –, aguçando o interesse de mergulho de peito aberto no mundo, estimulando o interesse pelo ser humano, exercitando o desenvolvimento de três modos essenciais integrados de percepção da realidade (a razão, a emoção, a intuição), despertando o prazer de escrever.” (EPL, 2005)

Além disso, observar o trabalho de outros jornalistas, ler romances, contos e reportagens, esmiuçar o texto, a fim de descobrir as técnicas utilizadas pelo autor é fundamental para obter textos cada vez mais elaborados. O jornalista não deve apenas contar fatos, mas dar sabor a eles. Dessa forma, prende o leitor e torna a leitura mais agradável. Segundo Werneck, o “segredo está na técnica de montagem dos fatos, dando, às vezes, uma estrutura romanesca à matéria”.

Hoje, encontra-se um grande problema na imprensa brasileira: não há espaço para reportagens longas. Werneck afirma que a imprensa tem uma deficiência: achar que o leitor não quer qualidade, quer apenas as notícias do dia, rápidas e sucintas. “Acho que a imprensa brasileira tem uma visão medíocre do leitor. Há a pressuposição de que o leitor não gosta de ler –

o que não é verdade. Se a imprensa cedesse lugar, com certeza teríamos leitores. Iria-se criar um hábito de ler essas peças maiores, mais ambiciosas.”

Da mesma forma que Werneck, Edvaldo Pereira Lima acredita que se não houver uma grande transformação, recuperando principalmente a reportagem e o retrato do cotidiano de pessoas anônimas, o jornalismo diário poderá perder a razão de ser tal como o conhecemos hoje, tornando-se “apenas um veículo de serviços, de informação e de referência ao noticiário dos meios eletrônicos”. Para ele, o jornalismo literário certamente pode contribuir para a não extinção do jornalismo diário, pois a narrativa do jornalismo literário tem força. Além disso, possui pauta diversificada e mais interessante. “O leitor quer e procura matérias de melhor qualidade e impacto humano, coisa que falta, na maioria das vezes, nos diários brasileiros de hoje em dia.”

“No momento em que *o jornalismo*, por força de mudanças acentuadas da vida contemporânea, *encontra-se em fase de redefinição*, uma volta aos *clássicos do jornalismo literário* pode ser útil para se desenharem alguns modelos, principalmente para aqueles que acreditam que *o futuro dos jornais e das revistas de papel está na diferenciação pela qualidade (não só da informação e da análise, mas também do texto)*. (...)” (SUZUKI *apud* HERSEY, 2002, p. 172, grifos meus)

6. CONCLUSÃO

É fato que uma crise se instalou no jornalismo impresso diário. É consenso que uma solução precisa ser pensada urgentemente. Neste trabalho foi possível apresentar uma alternativa possível: o investimento no jornalismo literário.

Pesquisas mostram que cada vez mais o leitor se interessa pelo desenrolar dos fatos. Então, diante deste cenário, por que não voltar à técnica jornalística dos anos 60, que mescla jornalismo e literatura? Como disse o jornalista Sérgio Vilas Boas, não se vai fazer um jornal puramente literário. É possível mesclar notícias e grandes reportagens. Mas, independentemente do rumo a ser tomado pelos veículos de comunicação, o jornal impresso precisa reencontrar seu público-alvo. Mais que isso, precisa redefinir seu papel. Os jornais perderam o benefício do “furo”, então nada melhor do que investir no aprofundamento das matérias.

Nesse sentido, a literatura pode contribuir, “emprestando” suas técnicas para ajudar o jornalista a prender o leitor. A experiência é válida e funciona. A reforma do *Correio Braziliense* é exemplo disso. A reinvenção do jornal teve três fases: fevereiro de 1994, abril de 1996 e julho de 2000. Muitas mudanças aconteceram e em 1995, a circulação paga do jornal crescera em exatos 41,4%.

A inovação e ousadia incentivados no jornal resultaram em 156 prêmios de jornalismo. É o jornal brasileiro mais premiado pela *The Society for News Design*, entidade da área de *design* de jornais de maior prestígio do mundo.

A valorização do porquê é de suma importância na reformulação do jornalismo impresso. É por meio dele, que as reportagens vão ganhar corpo. O repórter vai explicar ao leitor o significado dos fatos, o que está por trás deles, o que eles têm a ver com a vida das pessoas, e, sobretudo, investir nas reportagens de qualidade. A exemplo dos textos de José Rezende Jr., uma boa matéria, bem escrita e bem apurada, traz retorno do leitor. Interessa a população por mais que trate de assassinatos ocorridos há mais de dez anos.

7. BIBLIOGRAFIA

7.1 Livros

ANTÔNIO, João. *Ô, Copacabana*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002. – (Coleção Ensaios Transversais).

DINES, Alberto. *O papel do jornal*. São Paulo: Summus Editorial, 6ª edição, 1996.

FARO, José Salvador. *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Ulbra, 1999.

FERREIRA, Carlos Rogé. *Literatura e jornalismo: práticas políticas*. São Paulo: Edusp, 2003. – (Ensaios de Cultura; 24).

FILHO, Ciro Marcondes. *A saga dos cães perdidos*. (2. ed.). São Paulo: Hacker Editores, 2002. – (Coleção Comunicação e Jornalismo).

HERSEY, John. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira (org.). *Econautas: ecologia e jornalismo literário avançado*. Canoas: Ulbra, 1996. – (Série Mundo Mídia; 3).

MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda*. São Paulo: Summus, 1987.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. (3. ed.). São Paulo: Contexto, 2003. – (Coleção Comunicação).

RAMONET, Ignacio. In: *Nuevas tecnologías y concentración de los medios. La prensa refleja la realidad?*. Chile: AÚN Creemos en los sueños, 2003. (seleção dos artigos publicados no *Le Monde Diplomatique* – versão chilena).

RIBAS, Manuel. *El periodismo es un cuento*. Madrid: Alfaguara, 1998.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003. – (Coleção Comunicação).

TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. (2. ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2ª Edição, 2001.

7.2 Internet

BERABA, Marcelo. *A morte do papa*. Agência Folha – site da Folha de S.Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.folha.com.br>. Acesso em 11/04/2005.

BERABA, Marcelo. *O futuro dos grandes*. Agência Folha – site da Folha de S.Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.folha.com.br>. Acesso em 11/04/2005.

CHAPARRO, Carlos. *As formas não se opõem à arte de escrever*. Disponível em <http://www.comunique-se.com.br>. Acesso em 10/05/2005.

COSTA, Luciano Martins. *A metáfora do cemitério de elefantes*. Observatório da Imprensa. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em 24/04/2005.

EGYPTO, Luiz. *Crise, preguiça e descaso com o leitor*. Observatório da Imprensa. 2002. Disponível em: <http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em 16/03/2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Apontamentos breves para uma futura história do jornalismo literário*. Jornalite – Portal de Jornalismo Literário no Brasil. São Paulo, 2001. Disponível em <http://www.jornalite.com.br>. Acesso em 24/02/2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo literário: o legado de ontem*. Secretaria Especial de Comunicação Social do Rio de Janeiro. Publicado na coleção *Cadernos de Comunicação*. Disponível em <http://www.rorj.gov.br>. Acesso em 12/03/2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo narrativo: o espetáculo dado em Harvard*. Observatório da Imprensa. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em 18/03/2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. *New journalism x jornalismo literário*. Jornalite – Portal de Jornalismo Literário no Brasil. São Paulo, 2001. Disponível em <http://www.jornalite.com.br>. Acesso em 24/02/2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Registros breves para uma história futura*. Texto Vivo – site de jornalismo literário. Disponível em <http://www.textovivo.com.br>. Acesso em 15/03/2005.

RAMONET, Ignacio. *Médias em crise*. Artigo publicado no *Le Monde Diplomatique*. Disponível em <http://www.monde-diplomatique.fr>. Acesso em 19/04/2005.

RAMOS, Graciliano. Entrevista concedida em 1948. Graciliano – site pessoal do escritor. Disponível em <http://www.graciliano.com.br>. Acesso em 10/03/2005.

ROSSI, Clóvis *apud* BERABA, Marcelo. *Reflexão: contar bem boas histórias*. Agência Folha – site da Folha de S.Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.folha.com.br>. Acesso em 11/04/2005.

VILAS BOAS, Sérgio. *Jornalismo literário e o texto em revista*. Jornalite – Portal de Jornalismo Literário no Brasil. São Paulo, 2001. Disponível em <http://www.jornalite.com.br>. Acesso em 24/02/2005.

WERNECK, Humberto. Entrevista à Faculdade Cásper Líbero (SP), em 9 de novembro de 2002. Disponível em <http://www.facasper.com.br/jo/>. Acesso em 15/03/2005.

8. ANEXOS

8.1 Entrevista José Rezende Jr. – março de 2005

Christiane Peres: Nas tuas reportagens o detalhe sempre esteve muito presente. Como é esse processo de apuração?

Rezende: Eu acho que é um pouco da minha natureza a observação. Sou muito observador. Não o tempo todo, no meu dia-a-dia, às vezes passa alguma coisa batido, mas profissionalmente não. De um modo geral, quando estou andando na rua e vejo um menino vendendo bala, por exemplo, isso me chama a atenção. Além da indignação, da questão política é também um olhar humano. Fico imaginando como será a vida desse menino. É uma curiosidade natural. Será que ele fica o dia todo no sol? Obviamente ele não usa protetor solar. Será que ele estuda? O que ele faz com o dinheiro? Então, naturalmente, mesmo não estando trabalhando as pessoas me chamam muito a atenção e fico curioso para saber como é que essas pessoas vivem.

Se eu estou trabalhando e vou entrevistar alguma pessoa, quero saber tudo dela. Eu sou um apurador quase que obsessivo. Não raro, as pessoas, quando termino de entrevistá-las, dizem: “poxa, você vai escrever um livro sobre mim”, ou “nunca me perguntaram isso. Não tinha parado para pensar nisso”. O Moacyr Scliar, por exemplo, falou “você está revirando as minhas entranhas, você está me obrigando a racionalizar coisas que para mim não eram racionalizáveis”.

Eu acho que o grande diferencial e talvez minha técnica número um reside nisso: essa vontade de conhecer, saber, entender do outro. Quando estou entrevistando uma pessoa, procuro saber além das coisas que todos os jornalistas perguntam. Pergunto dos sonhos, se a pessoa dorme bem, se ela sonhou com o fato ocorrido, o que ela sentiu. Eu pergunto muito sobre os sentimentos. Alguns jornalistas criticam dizendo que não se pode escrever uma reportagem dizendo que “fulano pensou”. Eu acho que pode. Se você estabeleceu uma relação com o entrevistado, passou horas com ele, almoçou, jantou e pergunta especificamente o que passou pela cabeça dele em determinado momento e dependendo da resposta que a pessoa te der você sabe dizer se tem coerência com o que você conhece dela. Claro que a pessoa pode mentir e ela pode mentir sobre tudo. Acho importante estabelecer esse contato, o conhecimento, as conversas para você se colocar no mesmo nível do entrevistado. Só é possível escrever os textos que eu escrevo, a partir dessa apuração exaustiva.

Outra coisa da apuração que é muito importante. Eu tive a oportunidade de ter bons mestres na faculdade e isso é uma coisa que eu falo para os meus alunos nos cursos e dou o crédito para o Peninha, grande professor e amigo. Ele dizia: “Rezende, quando você receber uma pauta não pega o telefone e sai ligando. Pega uma meia hora e pensa sobre ela. Depois de tudo apurado, dá mais meia hora antes de escrever”. Na prática, a gente pode pensar que meia hora é muito tempo. Se não dá para ser meia hora, pense cinco minutos, mas você tem que dar esse tempo. É essencial para sair uma matéria legal.

Christiane Peres: Para chegar num grau tão íntimo de conversa com os entrevistados como você faz? Espera um momento de abertura? Em algum momento você teve dificuldade em saber alguma coisa ou abordar algum assunto?

Rezende: Em algumas situações é mais difícil, em outras é impossível. Ou ela quer falar ou não quer e não tem jeito. Vou dar um exemplo. Na época dos *Crimes Violentos*, o “Anjo da Morte” – história na qual o marido esquarteja a esposa – eu fui conversar com o Antonio, o marido, na cadeia e ele me recebeu depois de todo o trâmite legal para poder entrevistá-lo. Foi um pouco assustador porque ele era um cara que eu conhecia muito, já tinha lido o inquérito, conversado com pessoas que haviam me contado o que ele tinha feito – mesmo antes de matá-la. Bom, eu expliquei para ele o que eu queria e ele disse “olha, eu não vou falar porque tudo o que eu disser pode ser usado contra mim. A única coisa que eu posso dizer é que fiz o que qualquer homem brasileiro casado faria”. Só essa frase ele falou. Nesse caso não tem argumento, a pessoa não quer falar e eu não posso forçar.

Já outras pessoas me deram mais abertura. Tem casos que eu enfrento uma resistência inicial da pessoa, mas na maioria das vezes eu consigo os depoimentos porque acredito usar bons argumentos. Além disso, eu não sou autoritário. Geralmente, minhas entrevistas se parecem muito com conversas, são muito naturais. De modo geral, acho que passo confiança, meu tom de voz ajuda. Tem um exemplo bom disso do caso do “Castigo” – história na qual o menino assistiu o assassinato da irmã. O Leandro era a principal testemunha porque tinha assistido tudo e estava sob a guarda do juiz de Luziânia. Quando cheguei lá ele estava com a psicóloga e eu pensei que ela não fosse me deixar conversar com o menino. Quando o juiz se aproximou e falou a ela que eu queria conversar o menino, ela negou por várias razões. Nesse momento, eu disse que ela poderia ficar no local onde nós conversaríamos e se eu estivesse me tornando inconveniente ela poderia interromper. Enfim ela permitiu.

Eu já sabia muitas coisas sobre aquele menino. Aliás, é fundamental você ter informações prévias. Começamos a conversar sobre generalidades. Conversamos sobre forró, novela – na época passava *Renascença* e ele gostava muito porque já havia morado numa fazenda de cacau e lembrava dessa época – não toquei direto no assunto do assassinato da irmã, sempre deixei ele livre para tocar no assunto quando quisesse. Com pouco tempo de conversa a psicóloga saiu porque entendeu meu modo de trabalhar. Foi o Leandro que falou sobre o crime, mas quando eu percebia que o assunto estava muito pesado eu mudava o rumo da conversa.

Eu gosto de comentar esse caso porque é um exemplo de como você pode reverter uma situação adversa. Eu tinha ali dois obstáculos: o da psicóloga, e o do menino que poderia ou não querer falar. Eu tinha de conseguir aquelas informações, mas não podia prejudicar o menino.

Christiane Peres: Na apuração de Crimes Violentos você tinha muitas informações prévias dos assassinatos, dos envolvidos. É difícil não se envolver, não influenciar as respostas dos entrevistados?

Rezende: Eu acho que facilita o trabalho porque cria alguns atalhos. O que não impede que você seja surpreendido. Por exemplo, no caso do “Anjo da Morte”, eu já tinha lido inquéritos, processos, mas não havia referência sobre o pastor – menino que anunciava as mortes em Ceilândia. Na primeira entrevista que fui fazer fui surpreendido com essa informação e a partir daí fui atrás. Isso não estava em lugar algum, talvez porque fosse muito etéreo. Procurei esse pastor e só cheguei a ele depois que entrevistei a Dalva – amiga da assassinada.

Saber das coisas previamente ajuda também na hora de abordar os entrevistados. Você sabe o que aconteceu e aborda a questão de forma mais delicada. O fato de você estar ali, já é uma agressão então, você tem que buscar meios de fazer isso de forma mais compreensiva.

Christiane Peres: A apuração se torna mais difícil quando o tema da reportagem é mais duro, como no caso dos cinco assassinatos da série?

Rezende: É mais difícil sim. Às vezes eu me assustava com a quantidade de informação que eu tinha. Você fica pisando em ovos para tentar não agredir tanto as pessoas. Quando você vai fazer um perfil de uma mulher que foi beneficiada com o Bolsa-escola e que o filho só é professor de capoeira graças ao programa, é maravilhoso porque você vai conseguir histórias lindas. Dá gosto fazer esse tipo de matéria e essa pessoa está mais disponível para falar sobre isso. Mas quando você parte para o outro lado, que é feio e doído é mais difícil. Mas eu tento fazer da forma menos ofensiva possível. Eu não fico sem a informação, mas tudo depende da forma como você pergunta.

Christiane Peres: Você se envolveu demais nesses casos? Foi muito desgaste emocional?

Rezende: Foi sim. Além do desgaste emocional era insônia, pesadelo aliado ainda a pressão natural que a gente sofre no trabalho. Foi doloroso. Eu me contagio muito. Você tem de buscar força dentro de você porque o trabalho tem que ser feito.

Christiane Peres: Você conseguiu e consegue manter a isenção mesmo se contagiando com as histórias?

Rezende: Por princípio, o jornalista deve ser isento, imparcial. Repito: por princípio. E por quê? Porque ele deve sempre procurar a verdade, deve sempre ouvir o outro lado etc etc. É a primeira lei que a gente aprende na faculdade, certo? Pois ela continua em vigor.

Agora, isenção/imparcialidade não significa dar ao esquitejador o mesmo espaço que você dá pra contar a tragédia da esquitejada, certo? Porque você não está emitindo opinião, você está relatando um fato acontecido, um fato horrível, trágico, que foi alvo de inquérito, confissão, processo, julgamento, condenação. Ou seja: você está contando o que aconteceu. E procura ouvir a história do esquitejador, saber os motivos que ele tinha etc. Nesse caso específico, ele não quis dizer nada, além daquela frase lapidar: “Eu fiz o que qualquer homem brasileiro casado faria” – frase de “Anjo da morte”. Então, o texto está lá, relatando o horror, a dor, o ódio.

Com o Paulinho, – de “O avesso de Édipo – que matou a mãe, foi diferente. Ele quis falar. E falou, falou, falou. Não ficamos amigos, mas a história dele me tocou. A história dele é muito triste e essa tristeza transparece no texto. Mas o texto não o absolve. Ele matou a mãe e isso não dá pra mudar. Pelo crime ele foi condenado e talvez apodreça na prisão. Mas a motivação para o crime é confusa e essa confusão está no texto. O desespero dele é enorme e esse enorme desespero também está no texto.

A questão é: o texto emite minha opinião, ou é fruto de muita apuração, uma apuração longa e detalhada, que me permitiu chegar a essa interpretação dos fatos? Fico com a segunda hipótese. Mas haverá quem discorde. Mas, como disse, essa é uma questão complexa, porque vai muito além de uma equação matemática, envolve bom senso, ética etc.

Christiane Peres: Como chegou nesses crimes? Foi escolha sua?

Rezende: A “encomenda” era pegar, a princípio, dez crimes horríveis que aconteceram no Distrito Federal e que eram pouco conhecidos. Eu pensei: “o que eu faço?” Meu primeiro passo foi conversar com um repórter policial, que vive disso e tem um olhar policial, mas de repórter também. Então, só o fato dele lembrar dos casos já seria um avanço, porque dos vários casos que ele cobriu lembrar de dez ou 20 é porque foram chocantes. Aí já consegui uma pré-seleção legal.

A partir dos 20 casos que o Antonio Vital – repórter policial do *Correio Braziliense* na época – indicou comecei a descartar um e outro. Peguei aqueles que permitiriam trabalhar bem as histórias. Depois fui na delegacia de homicídios e pesquisei os crimes lá. Eu dei plantão na delegacia durante um bom tempo, porque eu não podia levar os inquéritos para casa, nem tirar cópias deles, o que dificultava meu trabalho.

A seleção dos casos foi assim e os dez casos pedidos inicialmente viraram cinco. A encomenda foi assim. “Escolhe aí e eu quero a história entre a linguagem jornalística e a literatura”, me disse o Noblat.

Christiane Peres: Antes você não admitia que o que fazia era jornalismo literário e agora já admite. O que gerou a mudança de conceito sobre o seu trabalho?

Rezende: Naquela época (primeiro semestre de 2003) eu acreditava que eu fazia reportagens. Para mim reportagem era aquilo. Nunca pensei “eu vou fazer uma reportagem literária”. Naturalmente, eu apuro muito e pergunto coisas que geralmente não se perguntam, eu penetro no imaginário das pessoas e isso me permite escrever daquela maneira. E para escrever aquilo tudo, não pode ser uma maneira convencional. Eu sempre achei que aquele texto vinha da minha apuração. Mas por coincidência aquilo estava inserido numa coisa chamada jornalismo literário. Depois disso, comecei a ler algumas coisas, como Joseph Mitchell, Gay Talese.

Christiane Peres: Então você sempre buscou fazer alguma coisa diferente? Fugir do lide? Tua apuração te permite isso...

Rezende: Eu sempre fui, desde menino, muito observador, curioso. Nunca fui genial. Gostava de ler, mas não tinha o hábito de ler. Eu lia muito pouco e lia o que caía na minha mão. Lia muita história em quadrinhos. Aimorés – cidade natal do jornalista – é uma cidade de interior, então nós não temos bibliotecas, livrarias. Se tivesse a sorte de cair um clássico na minha mão eu lia.

Na faculdade, quando aprendi o lide, eu pensei que era uma coisa legal, tinha uma fórmula, mas lembro que eu sempre achei que o lide por si só não bastava. As perguntas eram fundamentais, mas não suficientes. Eu pensava que para contar uma história eu precisava de mais elementos. Eu respondo todas aquelas perguntas, mas não necessariamente naquela ordem. Desde que eu comecei a escrever, minha sensibilidade pesou mais que minha base intelectual – que eu só comecei a formar na faculdade.

Christiane Peres: Tem gente que descobre uma fórmula e continua nela sempre. Teus textos não são assim. Isso vem da apuração, da sensibilidade?

Rezende: Eu acho que existem maneiras diferentes de contar histórias. A história que você vai contar, de certa forma te encaminha para o tipo de narrativa. Acho que não é um cuidado de evitar fórmulas, mas eu sempre coloco dificuldades para mim.

Escrever para mim é sofrido, mas eu gosto. Acho que tem histórias que pedem que sejam narradas com frases custas, já outras pedem frases compridas. Vai da sensibilidade e do material que tenho.

Christiane Peres: Você mexe muito nos textos? Faz muitas alterações?

Rezende: Eu sempre acho que pode melhorar, mas tenho também o compromisso de não atrasar o jornal. Para as pessoas que estão de fora, eu demonstro estar tranquilo, mas não é assim. Se eu tenho quinze minutos eu mudo nesse tempo. Até depois da diagramação eu mudo um pouco se for ficar mais fiel à história, mas isso é uma relação de confiança, que se estabelece com o tempo.

8.2 Entrevista Edvaldo Pereira Lima – 8 de abril de 2005

Christiane Peres: O que deve caracterizar o processo de apuração de um jornalista literário? Há diferenças para a apuração que se faz no jornalismo diário?

EPL: A apuração tende a ser mais rigorosa e ampla no jornalismo literário, em termos de captação, observação e conferência de dados. Há quase uma exaustão de dados coletados. Além dos dados factuais e concretos, também envolve aspectos sutis e subjetivos – dados do ambiente, da intensidade dramática de um acontecimento, do universo interno – sonhos, pensamentos – dos personagens. Demanda mais tempo de produção do que o diário. E ao contrário deste, não tem a obrigação de “ouvir” dois lados opostos de um mesmo assunto.

Christiane Peres: Qual o futuro do jornalismo diário impresso? Reportagens literárias podem ser uma solução? Por que?

EPL: Se não houver uma grande transformação, recuperando principalmente a reportagem e o retrato do cotidiano de pessoas anônimas, o jornalismo diário poderá perder a razão de ser tal como o conhecemos hoje, tornando-se apenas um veículo de serviços, de informação e de referência ao noticiário dos meios eletrônicos. O jornalismo literário certamente pode ajudar muito o jornalismo diário, pela sua força narrativa, pela sua pauta diversificada e muito mais interessante e pela grande capacidade de colocar o ser humano – pessoas anônimas também, não só celebridades – no centro dos acontecimentos. O leitor quer e procura matérias de melhor qualidade e impacto humano, coisa que falta, na maioria das vezes, nos diários brasileiros de hoje em dia.

Christiane Peres: O processo de apuração do jornalismo literário é mais detalhado, longo. É possível manter a isenção na hora de redigir as matérias?

EPL: O jornalismo literário adota uma postura ética dessa natureza: é impossível e falacioso achar-se que se consegue isenção total e visão objetiva da realidade social através de uma atitude de total isenção. Não existe isso. Nossa visão de mundo é condicionada por uma série de fatores. O mais honesto é assumir um ângulo de leitura da realidade, expressá-lo ao leitor e procurar cobrir aquele universo da melhor maneira possível. O leitor aceita esse pacto, desde que o autor não parta para a distorção consciente da realidade.

Christiane Peres: O que é necessário para se ter uma boa reportagem literária?

EPL: Imersão plena do repórter na realidade, retratos humanos dignos das pessoas envolvidas, texto autoral de qualidade, equilíbrio entre razão e emoção.

Christiane Peres: Como formar um bom repórter literário?

EPL: Investindo no conhecimento da tradição – conceitos, princípios, métodos, técnicas, história, grandes exemplos e grandes nomes dessa escola narrativa – do jornalismo literário; estimulando a leitura de bons textos – jornalísticos e também da literatura de ficção –, aguçando o interesse de mergulho de peito aberto no mundo, estimulando o interesse pelo ser humano, exercitando o desenvolvimento de três modos essenciais integrados de percepção da realidade (a razão, a emoção, a intuição), despertando o prazer de escrever.

8.3 Série Crimes Violentos: “Anjo da Morte”

Matéria publicada em 5 de fevereiro de 1996 no jornal *Correio Braziliense*. Texto retirado do *site* pessoal do jornalista José Rezende Jr. – (www.joserezendejr.jor.br)

O anjo da morte

(05 de fevereiro de 1996) José Rezende Jr. ©

A PROFECIA

28 do setembro do 1991. Sábado à noite. O anjo da morte caminha pelas ruas do Setor “O”, Ceilândia. Quase um menino, o anjo tem 15 anos, é muito magro, usa óculos e sofre do estômago. Leva uma Bíblia debaixo do braço.

Veste o paletó marrom: mais um motivo para que as casas se fechem de medo quando ele passa. Sempre que recebe a missão de avisar alguém sobre a proximidade da morte, Odelton escolhe o paletó marrom.

“Não sou eu quem escolhe. É Deus”, corrige em pensamento, diante de portas e janelas fechadas.

O anjo da morte pára diante da casa, uma das mais pobres da rua. Pede licença, entra. Há muitas pessoas na sala minúscula, quase todos evangélicos como ele - mas, ainda assim, pecadores: bebem cerveja. Talvez estejam comemorando alguma coisa. Talvez, em breve, não tenham mais o que comemorar.

A dona da casa, a manicure Dalma, velha conhecida de Odelton, segura um vidrinho de esmalte cor de rosa. Mas a atenção do anjo da morte fixa-se em outra mulher, a que tem os pés de molho numa bacia com água. A mulher devolve o olhar por um segundo. Depois, abaixa a cabeça.

O anjo da morte avisa: traz uma mensagem. Ele conhece bem o nome do remetente: Deus. Mas desta vez ignora o destinatário.

Odelton abre a Bíblia, fecha os olhos e medita. Em seguida, olha nos olhos de cada um. E anuncia, com uma voz que já não pertence ao menino magro de 15 anos:

“Nosso senhor Jeová, o Deus de Israel, avisa: uma das vidas entre nós hoje morrerá. Mas se houver arrependimento, o laço poderá se quebrar.”

DEUS E O DIABO

O anjo da morte foi embora. Creuza, a mulher que tinha os pés na bacia com água, treme. Desconfia que a mensagem do anjo da morte foi endereçada a ela. Preocupada, Dalma recomenda à amiga que não volte para casa naquela noite.

As duas lembram que Antonio, o marido de Creuza, mandou a filha chamá-la duas vezes. Na terceira, ele foi pessoalmente buscar a mulher. Creuza voltou a dizer que não iria embora ainda. Por isso, dificilmente Antonio deixará de espancá-la quando chegar em casa. Talvez faça coisa pior.

Dalma insiste no convite, quer que a amiga passe a noite ali. Assim, imagina, Creuza estará livre de mais uma sessão de socos e pontapés: Antonio não entraria à força numa casa alheia.

“Você não sabe do que aquele homem é capaz”, responde Creuza.

Na verdade, Dalma, evangélica da Igreja Apocalipse, sempre soube do que o marido da amiga é capaz. Creuza, a irmã Creuza da Assembléia de Deus, tem os dois dentes da frente meio bambos. Dá agonia ver como ela move esses dentes com os dedos, antes de balbuciar: “Foi o Antonio”.

Às vezes, nos grupos femininos de oração, Creuza levanta a blusa de mangas compridas e suspende um pouco a saia que usa sempre abaixo dos joelhos: as irmãs olham as manchas roxas e caem em oração.

Dois meses antes da visita do anjo da morte, as duas amigas oravam no quintal da casa da manicure, perto do abacateiro, quando Dalma teve a visão: Antonio chegava por trás com um revólver e atirava; a bala atravessava as costas da manicure e matava Creuza.

Havia, portanto, motivos para temer o aviso do anjo da morte. Até porque Odelton Pereira, obreiro da Casa da Bênção, tem a fama de não errar nas profecias. Por isso, os vizinhos o chamam assim: “Anjo da morte”.

A primeira morte anunciada por Odelton foi a da avó, que o criou desde pequeno e a quem ele acostumou-se a chamar de “mãe”:

“Mãe, a senhora vai morrer do coração, no hospital da Ceilândia, e a sepultura será branca”, disse ele, com o coração partido, poucos dias antes que a profecia se cumprisse.

A mãe-avó lembrava: com menos de 2 anos de idade, Odelton apontava para o nada e dizia: “Olha, mãe!” Ela olhava e não via nada.

Aos 3 anos de idade, Odelton sonhava com caixões que tinham pernas e saíam marchando pela rua – no dia seguinte, algum vizinho morria. Aos 9 anos, passou a ouvir vozes e sentir que seres invisíveis o tocavam. Aos 13, começou a ouvir nitidamente a voz de Deus.

Às vezes, Odelton fala também com Satanás, antes de expulsá-lo dos corpos dos possuídos. Satanás gosta de confundir o anjo da morte, fazendo-se passar por Deus. Mas a voz do “Inimigo” é diferente: mais áspera, arrepia e faz doer o corpo. Por isso, Odelton não teve dúvida: naquele sábado, 28 de setembro de 1991, debaixo do chuveiro, era mesmo Deus falando com ele.

“Vá imediatamente à quadra 15. Lá, falarei novamente contigo”, disse A Voz. Odelton interrompeu o banho. Vestiu o paletó marrom.

Andou da quadra 11, onde mora, até a 15. Lá, viu o mundo escurecer. Com o corpo dormente, caminhou dez minutos a esmo, guiado apenas pelo vento. Foi quando Deus falou novamente: “Vá à casa de Dalma”.

A SENTENÇA

Odelton acaba de sair da casa de Dalma. Cumpriu a missão. Falou do laço da morte e do arrependimento como única força capaz de quebrá-lo. Mas desconfia que terá sido inútil.

Já está fechando o portão quando A Voz fala novamente. Deus dá a ordem, que a princípio parece estranha. Mas Odelton obedece: senta na calçada, tira os sapatos e bate um no outro três vezes. É um gesto simbólico. “Os apóstolos faziam o mesmo com suas sandálias quando os pecadores não ouviam suas pregações”, pensa Odelton. Significava que eles, os apóstolos, haviam feito sua parte. Mas que teria sido em vão.

Odelton entende a mensagem. Reflete:

“Deus quis me dizer que não haverá arrependimento. O laço está se apertando. A sentença será executada mais cedo do que se imagina.”

Odelton calça os sapatos e volta para casa. Horas depois de sua partida, a manicure Dalma haverá de se despedir da amiga pela última vez. Creuza terá o medo no olhar e, pela primeira vez na vida, as unhas dos pés tingidas de rosa.

Antes de ir embora, a irmã Creuza olhará para os pés com medo de estar cometendo um pecado e dirá, mais para si mesma que para a amiga manicure:

“E se Jesus me vê de esmalte?”

QUEBRA-CABEÇA

“A cabeça! Cadê a cabeça?”

29 de setembro de 1991. Domingo de manhã. O bombeiro Fernando Izaltino mergulha novamente em vão. Recolheu sete pedaços de dentro da vala. Mas nada da cabeça e das mãos da mulher. São dois braços, duas pernas (subdivididas em duas partes cada uma) e o tronco, completamente despido, que exhibe dois seios de tamanhos desiguais.

O bombeiro Fernando Izaltino tem 53 anos, 14 dos quais como soldado do Corpo de Bombeiros. Pesa mais de 100 quilos, tem um apetite voraz e nenhum nojo da missão que agora cumpre. Quando terminar o serviço, não perderá por nada o almoço.

Duas horas antes da chegada dos bombeiros, o garoto Josevaldo Ribeiro, 15 anos, morador da Expansão do Setor “O” procurava caju perto da vala, que fica na margem da BR-070, nas imediações do Setor de Indústrias da Ceilândia. Encontrou, boiando nas águas, algo que parecia o pedaço de uma boneca. Mas quando Josevaldo apertou a coisa com a mão, descobriu: era o tronco de uma mulher de verdade.

As outras seis partes estavam submersas. Pela consistência da carne, os peritos acham que os pedaços devem ter sido jogados ali na noite anterior. Os curiosos percebem os tufo de cabelos nas duas extremidades superiores do tronco, onde antes começavam os braços. Alguém deduz: “Essa aí não raspava o sovaco. Devia ser crente, a coitada”.

Mas se era crente, a ponto de não depilar o corpo, por que usaria esmalte? Pois a esquartejada tem as unhas dos pés pintadas de rosa. Preso ao tronco, mas separado das pernas, o sexo da evangélica parece ainda mais nu, atrai olhares, constrange peritos e populares. Em vida, quantos homens o terão visto assim tão em evidência?

Os sete pedaços estão dispostos na margem da vala. Vão se encaixando um no outro, como num quebra-cabeça onde faltasse justamente a cabeça.

“A cabeça! Cadê a cabeça?” O bombeiro Fernando Izaltino mergulha novamente em vão.

MAMÃE NÃO VEM MAIS

A manicure Dalma dorme ainda enquanto os bombeiros mergulham à procura dos pedaços que faltam. Deitou-se muito tarde na noite anterior, bem depois da partida do anjo da morte.

Acorda com alguém batendo na porta. É Cacá, filha de Creuza. Antonio e Creuza tiveram cinco filhos: Mônica, de 12 anos, Cláudia (a Cacá), 11, Claudio, 9, Marcos, 7, e Márcia, 5.

Dalma abre a porta, caindo de sono.

“A mamãe não vem mais. Ela vai ter que sair”, anuncia a menina.

A manicure lembra que na noite anterior Creuza prometera voltar logo de manhã, para fazer escova. Em seguida, as duas iriam à igreja. Por isso acha estranho. Decide ver Creuza antes que a amiga saia de casa. Pede a Cacá para levar o recado.

“A mamãe não vem mais”, insiste a menina, antes de virar as costas.

A poucos quilômetros dali, os bombeiros desistem de procurar a cabeça e as mãos. Vão se passar 15 dias até que a polícia termine de montar o quebra-cabeça. Até lá, duas perguntas ficarão sem resposta: Quem matou? Quem morreu?

BEIJO NA BOCA

Quase impossível imaginar um homem capaz de espalhar aos quatro ventos a traição cometida pela mulher. Mas é exatamente o que faz o pernambucano Antonio Ferreira da Silva Sobrinho, 35 anos, vigilante e bombeiro hidráulico nas horas vagas. Nos dias seguintes ao desaparecimento da esposa e à descoberta dos pedaços de uma mulher não identificada, Antonio contraria a lógica masculina. Insiste em alardear pela vizinhança: Creuza trocou-o por outro homem. Entrou num Opala preto, beijou o motorista na boca e fugiu para São Paulo.

Antonio procura os vizinhos, um por um, e escancara sua vergonha. Até que manda um recado para Dalma: quer falar com ela, urgente. A manicure fica com medo. Antonio nunca gostou dela, achava que Dalma botava idéia ruim na cabeça de Creuza. Coisas do tipo: “Larga esse homem, antes que ele te mate”.

Naquele ano, Creuza havia saído de casa, expulsa pelo marido. Foi trabalhar no restaurante Feitiço Mineiro, na Asa Norte, como ajudante de cozinheira. Uma revolução na vida da baiana de Ipiáú que, aos 32 anos, era incapaz de pegar um ônibus sozinha: analfabeta, não sabia ler sequer os números das linhas.

Um dia, Creuza orou e pediu a Deus que a ensinasse a ler. Pouco tempo depois, lia a Bíblia em voz alta, tropeçando nas palavras, mas feliz como uma criança que acabasse de decifrar o sentido secreto de todos aqueles signos misteriosos.

Trabalhando fora pela primeira vez na vida e tendo aprendido a ler, talvez faltasse à nova mulher apenas uma paixão. E ela veio, na forma de um cozinheiro, de quem evitava revelar o nome. O amado tinha uma qualidade rara. “Ele me respeita, me trata com carinho”, confidenciava à amiga Dalma.

Infeliz e humilhada no casamento, Creuza não via pecado nesse amor, nem em qualquer outro que pudesse vir a ter. Para ela, não havia motivo para se arrepender, ao contrário da sentença que o anjo da morte ditaria naquela futura noite de sábado: “Uma das vidas entre nós hoje morrerá. Mas se houver arrependimento, o laço poderá se quebrar”.

Um dia, o cozinheiro pediu Creuza em casamento. Por azar, na mesma época, Antonio chamou a mulher de volta para casa. Disse que ele e os filhos precisavam dela. Creuza consultou a melhor amiga.

“Não volta. Se já te batia antes, agora que você conheceu outro homem ele te mata”, aconselhou Dalma. Mas a amiga voltou.

Creuza e Antonio viviam juntos há 15 anos. Há seis, por pressão dos irmãos da igreja, ela decidiu casar-se legalmente, para não mais viver “em pecado”.

Creuza não conhecera outro homem antes de Antonio. Nas primeiras vezes, ele foi carinhoso. Mas isso tinha sido há muitos anos. Nos últimos tempos, Antonio exigia sexo quando ela menos queria. E Creuza saía machucada dessas noites de desamor. Antonio não gostava mais da mulher. E fazia questão de não esconder de ninguém, muito menos da própria Creuza.

Três meses antes da visita do anjo da morte, Creuza estranhou quando Antonio decidiu comprar cama e fogão novos. A alegria durou pouco.

“Eu tô comprando tudo novo. Mas nada disso vai ser pra você”, avisou Antonio.

Creuza descobriu que o marido tinha outra. O nome era Ivonete, doméstica pernambucana que guardara a virgindade até os 31 anos de idade, quando se entregou a Antonio.

A relação já durava três anos. Antonio dizia a Ivonete que era solteiro. O casal chegou a ter uma menina, que Antonio, estranhamente, batizou com o mesmo nome da caçula dos cinco filhos com Creuza: Márcia. Ivonete preferia “Roberta”, mas Antonio optou por ter duas filhas com o mesmo nome, uma com cada mulher. Creuza carregaria mais essa mágoa pelo breve resto de vida.

SAPATO NOVO

Atendendo ao chamado de Antonio, a manicure Dalma vai até a casa da amiga desaparecida. Tem muito medo, mas precisa saber o que Antonio quer. Talvez seja alguma notícia de Creuza.

Dalma entra na casa da amiga. A primeira imagem é aterradora, lembra um filme de terror, desses que passam de madrugada: Antonio surgindo por trás de uma nuvem de poeira, com o olhar feroz e a marreta nas mãos. Mas ele está apenas derrubando uma parte da cozinha. Dá marretadas como se odiasse a parede.

“Você sempre achou que sua amiga era uma santinha. Pois foi ela quem me largou”, diz, golpeando a parede com mais raiva.

Em seguida, Antonio começa a guiar Dalma pelos cômodos. Quer que ela veja com os olhos: não sobrou nada de Creuza naquela casa. Antonio abre portas e gavetas. Nenhuma peça de roupa.

“Ela levou tudo. Foi embora para sempre. No Opala preto”, insiste Antonio.

Dalma procura vestígios de Creuza. Sabe que a melhor amiga jamais iria embora para sempre, sem avisar. De repente, o horror: enfiado debaixo do sofá da sala, há um sapatinho de couro preto, fechado e sem salto.

Antonio nunca dava dinheiro à mulher para comprar roupa. Quando saiu do restaurante e pediu as contas, Creuza comprou umas coisinhas para os filhos. E, para ela, um sapatinho de couro preto, fechado e sem salto.

Feliz, fez questão de mostrar à amiga aquisição tão rara. Por isso, a manicure sabe: ainda que cometesse o desatino de ir embora às pressas, Creuza nunca deixaria o sapatinho preto para trás. Mas o sapatinho está ali, esquecido debaixo do sofá.

O fiapo de dúvida desaparece: Dalma sabe que nunca mais verá a melhor amiga. Mas não diz nada a Antonio. Nem à polícia, ainda.

O ALMOÇO

5 de outubro de 1991. Sábado de manhã. Dinalva Ribeiro da Silva, irmã mais velha de Creuza, não vive um bom momento. O marido sofreu um grave acidente de ônibus já perto de casa, em Brasilinha, e está no hospital. Talvez nunca volte a andar. Como se fosse pouco, a mãe de Creuza e Dinalva, dona Almerinda, 73 anos, quebrou a perna e precisa ser carregada para baixo e para cima.

Alguém bate palmas na frente da casa. É o marido de Creuza. Antonio chega com a mãe, dona Maria Paulina, 61 anos, e as duas filhas mais velhas, Mônica e Cacá. Pede notícias de Creuza, como se não soubesse, há uma semana, que ela está morta e esquartejada. Antonio diz que a mulher foi embora no sábado anterior. “Ela passou por aqui? Deu notícia?”, pergunta ele.

Dinalva e dona Almerinda dizem que não. Estranham que Creuza tenha ido embora sem avisar à família. Mas a irmã sente um certo alívio.

“Fez ela muito bem em largar esse homem...”, pensa Dinalva, mesmo sendo evangélica e, portanto, crente nos indissolúveis laços do matrimônio.

A mãe e a irmã de Creuza convidam Antonio, dona Maria Paulina e as duas meninas para o almoço. Não é uma confraternização. As relações entre as duas famílias nunca foram boas.

A mãe de Creuza jamais gostou do genro. E a mãe de Antonio odiará ainda mais a nora depois de morta e esquartejada: pelo resto dos seus dias, haverá de culpar uma suposta infidelidade de Creuza pela loucura que custará ao filho Antonio a condenação a 26 anos de cadeia. Mas, neste momento, as duas mães ainda não sabem da desgraça acontecida sete dias antes. E almoçam juntas.

Dias depois, quando a polícia contar o que aconteceu à filha, a mãe de Creuza haverá de lembrar-se dos velhos tempos na secura do sertão da Bahia, onde dez dos 15 filhos morreram pequeninhos, ainda pagãos. Quando inventariar todas as cicatrizes da vida, chegará à conclusão que as dez tristezas antigas não são nada diante da dor recente da filha esquartejada.

Mas, agora, enquanto almoça em paz, acreditando que a filha está viva e largada do marido, dona Almerinda apenas olha para Antonio e para Mônica, a neta mais velha. E pensa: “O dia em que a Mônica nasceu, esse homem rumou a cabeça da minha filha na parede”.

Dona Almerinda morou com Creuza e Antonio por algum tempo, para ajudar a criar os netos pequenos. Lembra que Antonio batia muito na mulher, não respeitava nem os resguardos. Saía para trabalhar e, por ciúme ou por ruindade, trancava a casa pelo lado de fora, deixando presas a mulher e a sogra.

Dona Almerinda lembra também o dia em que Antonio cortou o pulso de Creuza com uma faca. A polícia foi buscá-lo em casa, mas Creuza teve pena: “Prende ele não, moço”, implorou.

O ENTERRO

Duas semanas depois daquele almoço, Dinalva vai ao Instituto Médico Legal reconhecer os pedaços da mulher sem cabeça. No IML, reconhece primeiro os seios da irmã, o direito maior que o esquerdo: era o peito preferido dos cinco filhos de Creuza. Por isso, o bico é tão grande, muito mais saliente que o outro.

Lá estão também o pescoço curtinho, ainda menor devido à ausência da cabeça, a barriga cheia de estrias, as axilas cabeludas por temor a Deus, os pezinhos pequenos e muito magros que eram motivo de brincadeiras desde a meninice das duas.

“Ôxe, que pé mais feio e seco”, dizia Dinalva. As duas irmãs riam.

Dias depois da ida de Dinalva ao IML, a polícia encontrará o local onde Antonio enterrou a cabeça e as mãos de Creuza. Dinalva pedirá esses pedaços que faltam para completar o quebra-cabeça. Quer

enterrar a irmã inteira. A polícia devolverá apenas as mãos, com os dedos já meio comidos pela terra, porque ainda é preciso fazer alguns exames no crânio. Mas, como forma de compensação, entregará pelo menos os cabelos.

No dia do enterro, os funcionários do IML ajeitarão os pedaços dentro do caixão, tentando remontar o corpo. No lugar reservado à cabeça inexistente, estenderão a cabeleira. Dinalva levará de casa um lençol branco, para que Jesus não veja Creuza assim, tão nua. No cemitério, os vizinhos pedirão para abrir o caixão. A insistência será tanta que ela não resistirá. Os vizinhos olharão a princípio ávidos. Depois, gemerão de horror.

Desse dia em diante, Dinalva e a mãe, dona Almerinda, serão incapazes de matar uma galinha para os almoços de domingo.

“Será que quando aquele homem cortou a cabeça da minha filha ela saiu pulando, sofrendo que nem galinha que a gente mata pra comer?”, perguntará dona Almerinda a partir de então.

JUDAS

5 de outubro de 1991 (sábado seguinte à morte de Creuza). As duas famílias – a do esquartejador e a da esquartejada – terminam em paz o almoço em Brasilinha. Das seis pessoas sentadas à mesa, apenas Antonio sabe que Creuza está morta. Antes de ir embora, beija o rosto da mãe da mulher que, uma semana antes, desfez em dez pedaços.

No futuro, quando se lembrar desse beijo, dona Almerinda esfregará o rosto com as mãos, na tentativa de arrancar a sujeira eternizada na carne. “Beijo de Judas...”, murmurará entre dentes.

O ESMALTE

A manicure Dalma vai ao IML na véspera da irmã de Creuza. É, portanto, a primeira a reconhecer os pedaços. Leu no jornal que a esquartejada tinha as unhas dos pés pintadas de rosa. Por isso, leva na bolsa um vidrinho, pela metade de, esmalte Colorama com proteína, apropriado para unhas fracas. A caminho do IML, pensa naquela noite, a última, quando convenceu a amiga evangélica a pintar as unhas pela primeira vez na vida.

Quando abrem a geladeira dos defuntos, Dalma não sente nojo diante da carne, ossos, artérias e nervos despedaçados. Só uma tristeza imensa. Primeiro, reconhece os pés da amiga: as unhas ainda têm a cor do vidrinho que a manicure leva na bolsa.

A polícia agora sabe quem morreu. Não será difícil descobrir quem matou.

PACIÊNCIA

28 de setembro de 1991. Noite do crime. Creuza acaba de se despedir da melhor amiga. Tem, agora, poucos minutos de vida.

Creuza mora a apenas 100 metros de Dalma. Não demora nada a chegar em casa, a mesma na qual três semanas depois Antonio colocará outra mulher, Ivonete. Depois que Creuza morrer, Antonio dirá a Ivonete: “Tenho uma surpresa pra você”. Levará a amada para conhecer a casa do Setor “O” e só então revelará que é casado, tem cinco filhos e a mulher o trocou pelo homem do Opala preto.

Na sala, Ivonete ficará alguns minutos sem voz, cercada por aquelas crianças todas. Perguntará onde está Creuza, desconfiará da misteriosa ausência, e irá embora de volta para Samambaia alguns dias depois.

Só muito mais tarde conhecerá o triste fim do Creuza. Ainda assim, visitará Antonio na cadeia, perguntará por que ele fez aquilo. Antonio responderá que foi por ciúme.

Ivonete insistirá: “Mas se você gostava era do mim, porque não deixou ela viver a vida dela?” Antonio não dirá mais nada.

Na cadeia, Ivonete fará amor com Antonio, mas sentirá que alguma coisa se quebrou. Abandonará o sonho de toda uma vida, o de se casar algum dia.

Mas Creuza não terá tempo de conhecer tantos detalhes da história de amor de Antonio e Ivonete. Quando entrar em casa nesta noite, 28 de setembro de 1991, os filhos já estarão dormindo. O marido, não.

Antonio não gosta que a mulher chegue tarde em casa. E já é quase meia-noite. Por isso, Creuza vem preparada, espera mais uma briga. Mas não espera o cutelo de açougueiro que o marido tem nas mãos.

O primeiro golpe quase separa a cabeça do pescoço. Creuza cai. Antonio golpeia mais duas vezes o pescoço da mulher, até arrancar-lhe a cabeça. Em seguida, corta as duas mãos. Separa os dois braços do tronco. Depois, as pernas, que divide em duas partes cada uma.

Não é fácil esquartejar um ser humano, Antonio não demora a descobrir: primeiro, há que golpear-se várias vezes a carne com o cutelo, até atingir o osso. Em seguida, partir o osso com as mãos.

Mas Antonio tem uma paciência que dele ninguém esperava. Concluído o trabalho, espera o sangue escorrer bem. Lava o chão com água de mangueira e sabão em pó. Acondiciona os pedaços – menos a cabeça e as mãos – dentro de uma caixa de papelão. E prende a caixa no bagageiro da bicicleta.

A BICICLETA AZUL

Cinco anos depois, por determinação de dona Maria Paulina, mãe de Antonio, a bicicleta azul continuará guardada num dos três quartos da casa onde tudo aconteceu.

A casa terá sido alugada a inquilinos que, a princípio, desconhecirão a tragédia acontecida. Desde o dia em que ficar sabendo, uma das moradoras, Tereza, desempregada, 25 anos, acordará muitas vezes no meio da noite. Pensará ter ouvido gritos de uma mulher ou ruídos de uma roda em movimento. Olhará a bicicleta imóvel com o bagageiro vazio e não dormirá mais.

Mas hoje, na noite do crime, cinco anos antes dos pesadelos da inquilina, a Monark azul transporta Antonio e os pedaços de Creuza até a vala, três quilômetros distante da casa.

Chegando ao destino, Antonio joga na água sete partes de Creuza. A cabeça e as mãos ainda estão em casa, esperando por ele: Antonio volta para buscá-las, depois as enterra bem longe dos outros pedaços, num lugar que a polícia só ficará sabendo no dia da confissão.

BRASILEIRO, CASADO

Início de 1996. Antonio tem o cabelo e o bigode mais brancos. Forte e musculoso, parece bem disposto. É um dos presos de melhor comportamento da Papuda. Conserta vazamentos, desentope ralos, troca torneiras. Para cada mês trabalhado, abate dez dias da pena. Mantém o velho hábito: espalha na cadeia a traição da mulher. Creuza, jura Antonio, levava homens nus para dentro de casa.

Antonio pediu à Justiça para cumprir o resto da pena em regime semi-aberto. Se conseguir, terá direito ao saidão, o que significa ir para casa de vez em quando. Mas os psicólogos votam contra. São os mesmos que após o crime definiram assim o homem que esquartejou a mulher: “Personalidade impulsiva, fortemente agressiva. Tende a comportar-se de forma fria e instável”.

Quando confessou o crime, Antonio disse que matou sozinho. Mas acusou o vizinho Rosevelt Fidélis, o Russo, de ter emprestado a arma do crime e ajudado a enterrar a cabeça e as mãos de Creuza. Na verdade, Antonio queria apenas vingar-se de Russo, por achar que ele era amante de Creuza. No segundo depoimento, inocentou o suposto rival, mas incriminou o mecânico Anderson Pereira da Silva, autor, segundo ele, do primeiro golpe no pescoço de Creuza. Um segundo cúmplice, Ronaldo Amaral, teria emprestado o carro e ajudado a transportar os pedaços. Outra provável vingança: Anderson e Ronaldo eram, respectivamente, irmão e cunhado da manicure Dalma, a primeira a reconhecer os pedaços de Creuza. Antonio jurou matá-la quando sair da cadeia.

No julgamento, Antonio finalmente admitiu ter agido sozinho. Hoje, não quer falar sobre o crime. Tudo que disser, acredita, poderá ser usado contra a possibilidade de sair mais cedo da cadeia. Mas não demonstra remorso. Justifica o banho de sangue daquela noite de sábado com uma única frase:

“Fiz o que qualquer brasileiro casado faria.”

TREMORES

Os filhos de Antonio vão visitá-lo na Papuda, todos os domingos. Choram na hora de ir embora. Amam o homem que lhes despedaçou a mãe. Talvez porque tenham crescido ouvindo o pai e a avó paterna repetindo: Creuza não prestava.

A mãe de Antonio se espreme com quatro netos num barraco de tábuas, em Samambaia. O barraco é menor que a cela do filho. Dona Maria Paulina tem só 1,25 m de altura. Pequena demais para tanto ódio. Jura que bastou o primeiro olhar para ter a certeza: Creuza faria o filho infeliz. Não fala em assassinato ou esquartejamento. Quando precisa relembrar a história, diz: “Na noite em que Antonio fez o serviço...”

Márcia, a caçula de Creuza, tem 10 anos de idade. Quando alguém pergunta se sente saudade da mãe, a resposta é rápida. “Não. Minha mãe tinha outros machos”, responde, na língua ensinada pelo pai e a avó.

Exceto pelo contínuo tremor das mãos, Márcia parece uma criança normal. Nem se lembra de ter levantado da cama naquela noite, acordada pelo barulho de ossos que se partiam.

A ALIANÇA

28 de setembro de 1991. Márcia tem 5 anos nesta noite em que desperta para o pesadelo. Sai do quarto exatamente quando o pai corta a perna esquerda da mãe, no corredor estreito ao lado do banheiro, que liga a sala à cozinha.

Antonio pára de esquartejar a mulher, pega a caçula no colo e a leva de volta para a cama. Márcia ganha um beijo de boa-noite. O pai retorna ao corredor estreito e acaba de arrancar o último pedaço da mãe da menina. A quatro quadras dali, o anjo da morte dorme, mas não em paz. Talvez sonhe com caixões andantes, e acorde amanhã com a certeza de que a sentença divina terá sido cumprida.

Encostada à parede, a cabeça cortada tem os olhos esbugalhados. Creuza congelou nesse último olhar a imagem do homem que amou um dia, há muitos e muitos anos. O dedo médio da mão esquerda decepada tem uma aliança amarela. Creuza pensava que fosse de ouro. Morreu sem saber que era falsa.

8.4 Série Crimes Violentos: “O avesso de Édipo”

Matéria publicada em 19 de maio de 1996 no jornal *Correio Braziliense*. Texto retirado do site pessoal do jornalista José Rezende Jr. – (www.joserezendejr.jor.br)

O avesso de Édipo

(19 de maio de 1996) José Rezende Jr. ®

A MÃE

12 de março de 1992. Quase 18h. Neuza volta da caminhada no Parque da Cidade, como faz todos os dias e não fará nunca mais depois deste fim de tarde. Abre o portão, prepara-se para entrar em casa, na 712 Sul. São três quartos. Na suíte, dormem ela e o marido, Paulo. O quarto do filho único, Paulinho, de 18 anos, tem uma porta que se abre para um pequeno jardim de inverno. No terceiro quarto, transformado em sala de tevê, o assassino espera por ela, com uma faca na mão.

A dona de casa Neuza tem 43 anos, veste conjunto de moletom azul marinho e está um pouco tensa: a hora da chegada é sempre assim, desde aquela tarde de abril do ano anterior, quando um ladrão entrou na casa e lhe encostou o canivete no pescoço.

Naquela tarde do canivete, Paulinho, o filho, estava dormindo depois do almoço. Paulinho tem 1,92 m de altura – bem maior que o ladrão, um jovem mais ou menos de sua idade. Mas quando acordou, viu a mãe com o pescoço prestes a ser cortado e não pôde fazer nada. O ladrão levou só o videocassete, mas deixou o trauma que mãe e filho jamais conseguiriam superar.

Desde então, todas as noites, Paulo, o marido, faz a interminável ronda pela casa inteira. Procura ladrão até dentro da Brasília 80, estacionada na garagem. Findo o ritual, só aí todos conseguem dormir em paz. O terraço, onde a família costumava tomar banho de sol, virou zona de risco. Foi por ali que o ladrão entrou, depois de caminhar pelos telhados vizinhos. A partir de então, Neuza só vai ao terraço depois que Preto, o cão poodle, sobe a escada e avisa, com seu silêncio, que não há perigo.

Desde aquela tarde de abril, Neuza e Paulinho combinaram um código: sempre que um dos dois chega em casa, grita do lado de fora. O outro responde lá de dentro. Sinal de que está tudo bem. Mas neste 12 de março de 1992, quase um ano depois do episódio do canivete, Neuza abre o portão sem gritar que está chegando, talvez porque a caminhada tenha sido bem mais curta que de costume. E desta vez, quem espera por ela não é o ladrão. É o assassino. E ele tem na mão uma faca de lâmina serrilhada.

Neuza já está na sala de jantar, que tem piso de lajota avermelhada. O quarto de tevê fica bem em frente, mas ela não pode ver o assassino, escondido atrás da porta. Neuza só percebe o perigo quando sente a fígada. A primeira facada secciona os intestinos grosso e delgado. Neuza ainda tem tempo de dizer:

“Filho, não faz isso. Eu sou sua mãe.” Mas é muito tarde.

O PAI

O contador Paulo Jarbas chega às 19h15 do trabalho. A porta que separa a cozinha da sala de jantar está trancada. Significa que não tem ninguém em casa. Paulo procura a chave no lugar secreto: a prateleira de cima do armário da cozinha. O último da família a sair de casa sempre deixa a chave escondida nessa prateleira, que fica a poucos centímetros do teto. Mesmo sendo muito altos, Paulo e o filho têm que esticar o braço para alcançá-la, valendo-se do tato e não da visão. Neuza, baixinha, é obrigada a subir numa cadeira.

Depois de constatar que a porta está fechada, Paulo tateia a prateleira. A chave não está lá. Acha estranho. A mulher já deveria ter voltado da caminhada no Parque. Talvez esteja na casa de alguma vizinha. Com certeza, chegará depois da chuva.

Impedido de entrar em casa, Paulo vê o *Jornal Nacional*, em preto-e-branco, na tevê da cozinha. O noticiário termina. Parou de chover.

Ilhado entre o fogão e a geladeira, Paulo telefona para as amigas da mulher. Neuza não está em lugar nenhum. Começa a ficar preocupado. A casa foi assaltada três vezes. Na última, o ladrão botou um canivete no pescoço de Neuza.

A mulher não chega, a porta que dá acesso à sala está fechada e a chave não está onde deveria. Com um mau pressentimento, Paulo resolve tirar os pinos das dobradiças da porta, com o auxílio da chave da Brasília: é tão fácil que ele quase se convence da inutilidade de se gastar tanto dinheiro tentando defender a casa dos ladrões.

Paulo abre a porta pelo lado dos pinos que acabou de retirar. Entra na sala banhada em completa escuridão. Acende a luz. Antes não acendesse.

A primeira e única coisa que vê é a mulher com quem se casou há 20 anos. Neuza está deitada no meio de uma poça de sangue. Tem uma corda enrolada no pescoço e queimaduras nas costas e pernas. Paulo fecha os olhos. Nem se preocupa em saber se o assassino ainda está por ali.

O FILHO

Paulinho passou o dia trancado no quarto. Ouviu música no rádio, jogou xadrez e baralho. Filho único, acostumou-se à solidão.

O pai ainda não chegou do serviço. A mãe acabou de sair para caminhar, como faz todas as tardes.

O telefone toca. É a vizinha Eveline, de 15 anos, amiga de infância de Paulinho e companheira de Neuza nas caminhadas pelo Parque. Eveline ligou para cancelar a caminhada. Precisa estudar para a prova de Química. Paulinho informa que a mãe acabou de sair. A essa altura, deve estar exatamente chegando na casa de Eveline, na quadra vizinha, a 711 Sul.

Paulinho despede-se de Eveline e desliga o telefone. É um jovem como qualquer outro. Tem 18 anos, faz pré-vestibular no Objetivo e vai tentar pela segunda vez uma vaga para Veterinária. Adora animais. Tem um poodle, chamado Preto, que está com ele há dois anos. Já adotou gatos, porquinhos da índia, periquitos, tartarugas e peixes. Detesta um garoto da vizinhança que se diverte dando tiro de chumbinho nos pardais.

Vai muito ao ParkShopping, gosta de praticar esportes, ganhou medalhas nos saltos ornamentais. Agora, dedica-se à natacão.

Pensando bem, talvez Paulinho seja diferente da maioria dos jovens da sua idade: é muito amigo do pai e da mãe. Os três andam no Parque, saem para tomar sorvete, vão juntos ao shopping, vêem televisão em família. Antes do *Fantástico*, é Paulinho quem vai buscar a pizza. Nos intervalos da *Tela Quente*, ele cuida de sua especialidade culinária: pipoca.

Na verdade, Paulinho prefere o rádio à televisão. Mas neste 12 de março de 1992, quase seis da tarde, ele está sozinho na sala de tevê, vendo a *Escolinha do Professor Raimundo*, quando ouve o barulho no portão.

Espera alguns segundos. Outro barulho. E o silêncio. Paulinho sabe: não é a mãe. Ela teria gritado seu nome e ele responderia, como ficou combinado desde o último assalto. E mais: se fosse a mãe, ela conversaria com Preto, o poodle, e Paulinho ouviria. Se não é a mãe chegando... só pode ser outro ladrão.

Paulinho tira o som e escurece a imagem da tevê. Evita desligar o aparelho: tem medo que um pequeno *click* denuncie sua presença na casa. Desta vez, decide, é ele quem vai surpreender o ladrão.

Desde aquela tarde do canivete, Paulinho jurou que o próximo ladrão seria o último. Não é justo que o pai se mate de trabalhar para que qualquer um invada sua casa e leve embora os frutos de tanto suor. Com raiva e medo, Paulinho vai até o quarto e abre a mesinha de cabeceira, onde a faca está guardada desde o último assalto.

A faca fora comprada dois anos antes, no Carrefour. Na hora de passar as compras pelo caixa, Paulinho encontrou-a perdida no fundo do carrinho. Nem ele, nem a mãe, nem o pai: ninguém se lembravam de tê-la apanhado nas prateleiras do supermercado. Mas estava lá, como se por vontade própria. E foi assim que a faca de lâmina serrilhada entrou na vida da família.

O barulho continua. O ladrão já passou pela grade da área de serviço, instalada após o último assalto. Abriu a primeira porta da cozinha e a outra, que dá acesso à sala de jantar. Já está dentro de casa. Paulinho espera por ele atrás da porta da sala de tevê, com a faca na mão. São 20 centímetros de lâmina serrilhada. É o suficiente.

Paulinho enxuga o suor da mão no jeans, marca *Pierre Cardin*: não quer que a faca escorregue na hora H. O coração dispara. O medo, agora, é maior que a raiva. Mesmo assim, prepara o bote. Escondido atrás da porta, não vê o alvo. Calcula a distância pela sombra projetada no piso, que vai crescendo a cada passo do ladrão. Quando a sombra cresce tanto que parece escurecer o mundo, Paulinho dá a primeira facada. Ainda tem tempo de ouvir a voz:

“Filho, não faz isso, eu sou sua mãe.”

Mas é muito tarde. Paulinho dá outra facada. Depois outra, outra e mais outra, perfurando a clavícula, o braço, a orelha e a boca da mãe. Até que a faca se quebra. Agora, a mãe está caída de bruços. O filho pega uma corda de varal, dobra para ficar mais resistente, enrola no pescoço dela.

Neuza tenta resistir. A corda escorrega para a boca. Mesmo assim, o filho puxa com força. Depois, enrola outro pedaço no pescoço da mãe e puxa com mais força.

Por fim, abre a garrafa de Olho d'Água, cachaça fabricada em São José do Mipibu, Rio Grande do Norte, e derrama o líquido sobre o corpo da mãe. Risca o fósforo.

RECORDAÇÕES

Paulinho está sentado na cama. Fica olhando as chamas, apático. “Vou morrer junto com minha mãe e minha casa”, pensa. De repente, corre para apagar o fogo sobre o corpo da mãe, primeiro com um travesseiro, depois com um balde d'água. Gosta da mãe, não quer que ela sofra nunca. Mesmo depois de tê-la assassinado.

Extinto o princípio de incêndio, acaricia os cabelos da mulher deitada de bruços no chão da sala. As mãos voltam sujas de sangue.

Paulinho está confuso. A lembrança do que aconteceu naquele dia só virá muito mais tarde. E, ainda assim, em pedaços, fragmentada. No momento em que acabou de matar a mãe, as recordações são muito confusas. Lembra apenas que havia um barulho no portão, uma grande sombra no assoalho da sala e uma voz dizendo: “Filho, não faz isso, eu sou sua mãe.”

Havia também uma faca, que agora está quebrada. Mas há outra improvisada arma na casa. Um facão, na verdade, guardado no quarto de empregada, usado como dispensa. Paulinho pensa em ligar primeiro para um hospital, para que alguém socorra sua mãe. Depois, para o serviço do pai. Desiste. Ia dizer o quê? “Alô. Pai, desculpe incomodar: eu matei a mamãe.”

Começa a andar de um lado para o outro, segurando o facão, com medo que o pai chegue e Paulinho seja obrigado a machucá-lo também. Quer soltar a arma, mas não consegue.

“Quando o papai chegar...”, pensa, com o facão grudado nas mãos.

A ÁRVORE

Paulinho consegue libertar-se do facão. Troca a calça, manchada de sangue, e sai de casa, antes que o pai chegue do trabalho. Tranca a porta que dá para a cozinha, mas esquece de botar a chave na prateleira de cima. Quando o pai chegar, terá que arrombar a porta. Só assim descobrirá o que ele fez. Antes de sair, tem o cuidado de fechar o portão para que o cachorro não fuja.

Paulinho caminha até o Parque da Cidade. Sobe numa árvore. Pensa que talvez a natureza acalme os aflitos. Viu a mãe há poucos minutos, mas já sente uma saudade imensa, que o tempo tornará cada vez maior.

A essa hora, o pai deve ter arrombado a porta. Talvez a mãe esteja viva e seja levada para o hospital. Paulinho quer agarrar-se ao fio de esperança, mas não consegue. Ninguém sobreviveria a tanto sangue derramado. Sobreviveria?

A LIBERDADE

Muitos anos depois, Paulinho sai da cadeia. Primeiro, passou uma temporada preso na 1ª DP, na Asa Sul. Depois, no Núcleo de Custódia, aguardando julgamento. Por fim, amargou anos e anos na Ala de Tratamento Psiquiátrico da Papuda.

Livre, Paulinho volta para casa. Sabe que nada será como antes, embora nada tenha mudado: os móveis, a pintura, os quadros na parede. Até o retrato, pintado a óleo, de quando ele tinha oito anos e era a alegria da família. Tudo no mesmo lugar, como se nada tivesse acontecido.

Assim, ele sabe que ao cruzar a porta da sala de televisão – onde anos atrás tocou a sombra com uma faca na mão – vai encontrar a estante branca com os mesmos livros, o aparelho de som, a tevê colorida e a cama de solteiro com gavetas usada como sofá para ver o *Fantástico* e a *Tela Quente*.

Mas quando entra na sala de televisão, vê a única coisa que jamais esperava encontrar ali: a mãe está sentada na cama-sofá, recostada numa almofada. Usa um vestido azul muito claro. Sorri para o filho.

Paulinho quer abraçar e beijar a mãe. Mas não consegue mover um músculo.

“Mãe, disseram que você estava morta”, balbucia, enfim.

A mãe permanece em silêncio, sorrindo. O pai entra na sala de tevê e desfaz o mistério:

“Filho, ela estava viva quando cheguei em casa. Levei sua mãe para o hospital e ela sobreviveu.”

“Mas por que não me contaram a verdade? Por que me deixaram preso esses anos todos?”, pergunta Paulinho.

“Porque nós achamos que você merecia um castigo pelo que fez”, justifica o pai.

Paulinho não sabe se comemora ou chora. Abre os olhos na escuridão, sem saber onde está. Demora a reconhecer o local: não é a sala de tevê, é a cela da prisão. Não sabe se acordou de um sonho ou de um pesadelo. Durante muito tempo, perguntará: “Isso é real? Será que a minha mãe está viva e armou toda essa farsa com o meu pai?”

“Não, ninguém seria capaz de tanta maldade”, concluirá, tempos depois.

ALGEMAS

Quando começa a chover, Paulinho desce da árvore onde estava desde que matou a mãe. Começa a andar pela avenida W 3. Não pensa em fugir. Na verdade, deseja ser preso. Mas não quer se entregar. Continua andando na chuva, sem destino.

Enquanto isso, na casa da mulher assassinada, o pai não quer acreditar na culpa do filho. Pensa que Paulinho está na aula e voltará a qualquer momento. Mas o filho não volta nunca.

Paulo continua não acreditando mesmo quando os policiais lhe mostram uma calça jeans, marca Pierre Cardin, manchada de sangue. Mas às três da madrugada, os faróis do carro da Polícia finalmente encontram o assassino. Paulinho está encharcado até a alma. Leva uma chave no bolso, a que deveria ter ficado na prateleira de cima do armário.

“Não sei por que fiz isso, não sei”, repete, enquanto os policiais prendem-lhe os pulsos. Paulinho acha que as algemas são desnecessárias: ele seria incapaz de matar um pardal. Os policiais pensam diferente: se um cara mata a própria mãe, o que não faria com os outros?

Às quatro da madrugada, o pai vai à delegacia. Olha o assassino da mulher e pergunta pela primeira e última vez:

“Filho, por que você fez isso?”

“Porque eu estava com muito medo, pai”, responde Paulinho, chorando como não chorava desde menino.

O pai abraça Paulinho e sente que a decisão de perdoar o filho estava tomada desde sempre.

PRAGA DE MÃE

Hoje, quatro anos depois, Paulinho está na Ala de Tratamento Psiquiátrico (ATP) da Papuda. Não toma remédio controlado. Apenas conversa com a psicóloga de vez em quando. Não sabe quando sai dali. Vai continuar fazendo exames psiquiátricos periódicos até o dia em que conseguir o tão sonhado “Laudo de Cessação de Periculosidade”.

Ele é diferente dos presos comuns, aqueles que cumprem penas pré-fixadas e sabem que vão sair daí a tantos anos. Paulinho, só no dia em que os psiquiatras acharem que não oferece mais perigo. Talvez não achem nunca.

Enquanto a periculosidade não cessa, circula livremente pelas dependências da penitenciária. De vez em quando, vai inclusive ao gabinete do diretor, levar lanche. Trabalha na cantina, controlando o estoque. Também faz sucos de frutas e usa uma faca para isso. Só para isso. Nunca fez mal a mais ninguém. Nem antes, nem depois daquele fim de tarde.

Os laudos psiquiátricos falam em “distúrbio passivo-agressivo”. Atestam que ele tem “personalidade dividida, ambivalente” e “tendência à solidão e ao isolamento”. Definem: “É sonhador e desinteressado”.

Mas a olho nu, Paulinho parece inteligente, simpático, um pouco tímido, muito franco. Fixa os olhos grandes no olhar do interlocutor. Não se vê ali nenhum traço evidente de loucura ou maldade. Pior assim.

Sente saudade da mãe. Quando se lembra dela, a primeira imagem é sempre a mesma: uma mulher deitada numa poça de sangue. Depois, volta à infância, quando a mãe fazia bolo de chocolate e deixava que ele raspasse a massa do fundo da tigela. É uma lembrança mais doce.

O interlocutor faz a pergunta óbvia ao garoto que matou a mãe: “Por quê?” Paulinho dá a mesma resposta de quatro anos atrás, quando abraçou o pai, os dois chorando numa delegacia de polícia: “Medo”.

O interlocutor insiste: “Mas e as outras facadas? E o estrangulamento? E o incêndio? Você já sabia que era sua mãe. Por que continuou matando?”

Agora, a resposta é mais difícil. Paulinho arrisca uma volta no tempo e tenta explicar aquele fim de tarde:

“Eu ouvi a voz dela dizendo: ‘Filho não faz isso, eu sou sua mãe’. Vi que a pessoa que eu estava matando era ela. Mas ao mesmo tempo não era a minha mãe, ainda era o ladrão que estava invadindo a minha casa para roubar e cortar o pescoço da minha mãe. E eu não conseguia controlar a faca.”

Paulinho também procura uma explicação. Talvez tivesse um ódio inconsciente da mãe, disse-lhe certa vez um psiquiatra. Talvez, quando menino, tenha levado uma surra e jurado vingar-se um dia. Paulinho duvida. Revira na memória motivos para odiar a mãe. Não encontra.

Reconhece que tinha uma revolta contra qualquer forma de autoridade. Quando a mãe queria obrigá-lo a estudar, ele se rebelava. Mas à noite, fechava a porta do quarto, esperava que todos dormissem e só então abria o livro para estudar, escondido.

Paulinho continua à procura de motivos para odiar a mãe. Mas só consegue lembrar-se de uma passagem engraçada:

“Uma vez eu fiquei com raiva porque queria sair de bicicleta em vez de estudar e a minha mãe avisou: ‘Se você fizer isso, o pneu da bicicleta vai furar. E praga de mãe pega, viu?’ Pois foi só eu acabar de sair e o pneu furou mesmo”, lembra, sorrindo.

Depois, fica sério: “A verdade é que eu não sei. E se eu não sei, quem é que pode saber?”

A CHAVE

Paulo, o pai, acaba de chegar do trabalho. Está parado diante da porta que separa a cozinha da sala de jantar. A porta está fechada, claro: a mulher está morta e o filho, preso. Mesmo assim, Paulo mantém o hábito de deixar a chave escondida na prateleira de cima do armário. Como se alguém pudesse chegar um dia.

Estica o braço e tateia o esconderijo. O coração dispara: a chave não está no lugar secreto. Ele tem certeza que a deixou ali quando saiu pela manhã. Tem alguém dentro de casa. Só pode ser Paulinho.

Disseram que o filho é esquizofrênico. Paulo nunca acreditou. Mas se for verdade? Matou a mãe, fugiu da cadeia e agora voltou para matar o pai, seis meses depois.

Paulo hesita. Não sabe se foge ou vai ao encontro do visitante. Resolve fazer um pouco das duas coisas: entrar em casa – deixando escancaradas as portas atrás de si –, reencontrar o filho e fugir, caso este tente matá-lo.

Vai à área de serviço, abre o basculante que dá para o quarto de Paulinho e grita o nome do filho. Silêncio. Paulo tenta recuperar a calma. Raciocina: o filho não fugiria. Se fugisse, não voltaria para casa: seria o primeiro lugar onde a polícia o procuraria. Se voltasse para casa, não mataria o pai. Ou mataria?

Paulo volta à cozinha e tateia novamente a prateleira de cima do armário. Milagre: a chave está lá. Sempre esteve. Como não a encontrou antes?

O pai abre a porta, aliviado e triste. Amanhã é dia de visitar o filho na cadeia.

ENVELHECER

Paulinho pediu ao pai que tirasse uma foto de Preto, o poodle, para matar a saudade. Da última vez que o viu, o cachorro tinha dois anos. Hoje, tem seis. No retrato, Preto aparece já com alguns pêlos brancos perto do focinho.

“Meu cachorro está ficando velho. Talvez nem me reconheça quando eu voltar para casa”, teme.

Paulinho mede o tempo pelas novidades desconhecidas do mundo exterior.

“O ParkShopping já tem duas alas novas. Construíram o Liberty Mall e eu nem sei onde fica. No meu tempo, Brasília tinha uns três shows por ano. Agora, é todo fim de semana”, compara, contabilizando a juventude perdida.

MANHÃS

O pai visita o filho todos os domingos na Papuda. Enfrenta filas e o constrangimento de ser revistado nos mínimos detalhes. Nunca mais perguntou ao filho o porquê daquele dia. Chega à Papuda antes do meio-dia e vai embora depois das quatro da tarde.

Às vezes, cansado, tira uma soneca na cama do filho, na Ala de Tratamento Psiquiátrico. A cela tem seis criminosos, a princípio todos doidos. Um deles matou a mãe. Paulo não tem medo de ser surpreendido durante o sono.

Na área de serviço da casa onde continua morando, há uma pequena mesa de madeira. Nela, Paulo, Neuza e Paulinho tomavam juntos o café da manhã, todos os dias. Nas manhãs que se seguiram à desgraça, meses a fio, ele continuou sentando sozinho nessa mesma mesa. Para chorar.

Talvez nunca consiga entender o que levou o filho a fazer aquilo. Tenta a todo custo acreditar na primeira explicação que ouviu de Paulinho, quatro anos atrás, numa delegacia: medo. Tem apenas duas certezas: Paulinho não é doido. E precisa do seu apoio.

Paulo já perdeu a mulher. Não quer perder também o filho. Quer que ele volte logo para casa. Desabafa: “Se eu tivesse alguma dúvida, seria o último a querer que ele fosse solto, porque eu seria o primeiro a correr perigo. Mas meu filho não é um psicopata”.

Será que coração de pai, assim como o de mãe, nunca se engana?

EM NOME DO PAI

Paulinho sabe da quase impossibilidade de reconstruir a vida. “É como colocar um tapete em cima de um lugar que não tem mais solo”, compara.

Sabe, também, que a vida seria muito pior se, depois de perder a mãe, não tivesse o pai do seu lado. Talvez nem estivesse vivo. No dia do crime, pensou duas vezes em suicídio: primeiro, quando quis

incendiar a casa e morrer junto com ela. Depois, quando ficou à espera do pai, segurando o facão. Mataria o pai e furaria o próprio coração em seguida: “Para que ninguém sofresse mais”, pensou, naquela hora.

Mesmo se sobrevivesse ao abandono do pai, Paulinho pensa que provavelmente teria virado bandido, mergulhando de vez no mundo da prisão. É um mundo à parte. Já viu preso esfaqueando preso, homens enlouquecendo, planejando fugas impossíveis, traficando e consumindo merla, cocaína e maconha. Viu e não disse uma palavra sequer: aprendeu cedo a primeira lei da selva.

Viu, também, um colega abrindo um cadeado com o ferrinho do *headphone*, num piscar de olhos. Viu estelionatário falsificando cheques com mestria estilete e cola: cortava uma fatia da folha do cheque, no espaço onde estava escrito o valor, e colava outro pedaço por cima, com uma quantia bem maior. Contando, ninguém imagina a perfeição. Uma obra de arte.

Chegou a uma conclusão: “Quando falam que prisão é universidade do crime, não estão brincando. Se eu quisesse, saía daqui com diploma. Mas não quero. Pelo meu pai.”

Paulinho guarda com carinho o retrato de Preto, o poodle envelhecido, mas não tem nada que lembre a mãe. Um dia, os psiquiatras quiseram mostrar algumas fotos, para ajudá-lo a recuperar a memória de tudo o que aconteceu naquele dia. Paulinho concordou, desde que não houvesse ali nenhum retrato da mãe morta. As fotos eram do local do crime. Olhando com atenção, uma delas mostrava, bem no cantinho, o pé de uma pessoa deitada.

“Eles fizeram de propósito. Era o pé da minha mãe. Foi horrível”, lembra, querendo esquecer.

UM FINAL FELIZ

Desde menino, Paulinho imagina o céu como uma biblioteca. Todos os livros têm capa marrom e são do mesmo tamanho. Muda apenas o número de páginas. Cada obra na Grande Estante conta a história de uma pessoa. Quem morre e merece o céu tem o direito de ler o próprio livro e aprender onde errou.

Paulinho sabe que a mãe está no céu. E tem certeza de que é para lá que também vai, depois de todos esses anos vividos no inferno. De acordo com sua lógica, fatalmente reencontrará a mãe, qualquer dia desses. É uma perspectiva ao mesmo tempo boa e angustiante: Paulinho não sabe o que dizer a ela.

Primeiro, ele quer ler e reler o livro da sua vida, decorar página por página. Aprender tudo sobre si mesmo, entender os motivos, conhecer as respostas. E só depois disso, apresentar-se diante da mãe.

Imagina que saberá, então, o que dizer a ela. Imagina que, talvez, nem seja preciso dizer nada: a essa altura, a mãe já terá perdoado o filho. Imagina que este seja um final feliz. O único possível.

8.5 Série Crimes Violentos: “Castigo”

Matéria publicada em 2 de junho de 1996 no jornal *Correio Braziliense*. Texto retirado do site pessoal do jornalista José Rezende Jr. – (www.joserezendejr.jor.br)



AS FORMIGAS

16 de julho de 1995. Não demora muito e as formigas começam a chegar. No princípio, eram poucas. Vieram do quintal, entraram pelas frestas do barraco de tábuas azuis. Agora são muitas e estão com fome. Talvez tenham farejado o sangue das feridas. Talvez tenham vindo pelo cheiro de doce que exala da menina morta. Criança adora doce. Formiga também.

Quando os primeiros insetos subiram pela canela de Leila, ela ainda estava viva, mas já não tinha forças para espantá-los. Agora, depois de morta, os bichos vão tomando conta da menina, tão magra e pequena que alguém exagera: ou os peritos criminais chegam logo para remover o corpo, ou as formigas saem arrastando Leila pelo quintal afora.

Já é quase meia-noite quando os peritos chegam. Gastam duas folhas de papel ofício para enumerar as feridas. Duas folhas é muito pouco para tanto horror. Leila tem 43 lesões, de vários tipos, espalhadas pelo corpo – inclusive no seu sexo de menina, que se abre numa dilatação grotesca.

Um dos peritos pensa: como uma pessoa pode estar tão machucada se ainda nem completou 11 anos de vida?

A calma da mãe da menina, Zenilda, aterroriza tanto quanto a violência estampada no corpo de Leila. Zenilda não se preocupou em espantar as formigas nem quando a filha ainda estava viva. Zenilda fez pior: matou a filha.

ANIVERSÁRIO

No dia 4 de agosto de 1995, Leila vai fazer 11 anos. Faltam só duas semanas e meia para o aniversário. A mãe, Zenilda, uma doméstica grávida de 8 meses, e o padrasto, Gilberto, vigilante desempregado, nem pensam em fazer festa.

Pequena e magrinha, Leila aparenta bem menos idade: não se vislumbra no seu corpo de menina o menor sinal de que algum dia pretenda virar mocinha. A aparência infantil é ainda mais evidente quando ela tenta e não consegue falar – a não ser palavras simples, como “mamãe”, “papai”, “comida”, balbuciadas numa língua estranha, enrolada, que pouca gente além do irmão Leandro, de 10 anos, consegue traduzir. Leila não escuta direito. Talvez por isso não fale quase nada.

Seja como for, a menina trabalha como gente grande: faz comida, lava roupa, arruma o barraco onde mora com a família: a mãe, o padrasto, o irmão Leandro e o outro irmão, Rubens, de 2 anos. Muito de vez em quando, levanta a poeira da rua pulando corda com a vizinha Aparecida, a Tica, que tem 13 anos. A brincadeira sempre dura pouco: só até a mãe descobrir. Leila está proibida de brincar. Quando descumpre a lei, apanha muito. Tica já viu Zenilda batendo na filha por motivo tão bobo, e com folha de coqueiro.

Na verdade, a menina muda é espancada por qualquer razão. Ou sem nenhuma razão. Mas nesse 15 de julho de 1995, Leila apanhou como nunca mais. O castigo foi tão grande que no dia seguinte ela não consegue se mexer. Fica deitada no chão do banheiro, o corpo coberto de feridas e formigas. Dentro de

duas semanas e meia, no dia 4 de agosto, Leila completaria 11 anos. A mãe e o padrasto não iam mesmo fazer festa.

O JOGO DO TAPETE

15 de julho de 1995. Sábado à tarde. A agonia de Leila vai começar agora, no momento em que ela varre o chão do barraco, no Jardim ABC, 20 km de estrada de chão depois da Cidade Ocidental.

O tamanho do barraco, minúsculo, torna relativamente pequeno o trabalho de varrê-lo. O problema: Leila tirou o tapete, que fica embaixo de uma mesa de madeira. Agora, precisa colocá-lo de volta. E a mesa é muito pesada.

Leila tenta levantar a mesa uma primeira vez. Não consegue. Como castigo, a mãe bate na filha com o cabo da vassoura. Leila tenta de novo. Outro fracasso, outra paulada nas costas. Com os olhos assustados e grunhindo naquela língua estranha que só Leandro entende, a menina pede ajuda ao irmão. Leandro dá um passo à frente, mas Zenilda grita: “Se afasta! Se não, vai sobrar pra você também!” Leandro dá um passo para trás, fica só assistindo. Rubens, o caçula de 2 anos, também assiste. Mas não entende nada, ainda.

A mãe estabelece a silenciosa regra do jogo: para cada tentativa fracassada de botar o tapete embaixo da mesa, um golpe com o cabo da vassoura. O padrasto entra no jogo, começa a bater também. Quanto mais Leila apanha, mais pesada a mesa se torna. Por fim, a própria Zenilda subverte a regra: bate na filha mais rápido do que ela é capaz de tentar e fracassar com o tapete.

Com a cabeça e as costas muito atingidas, Leila mal pode manter-se de pé. De repente, o milagre: num esforço sobre-humano, consegue levantar a mesa e enfiar o tapete no lugar. A primeira parte da agonia está terminada. Agora, só falta a pior.

RENASCER

Leandro está hoje com 11 anos (pelo tamanho, poderia ter 8 ou 9). Não teve tempo de aprender a amar a irmã. Quando eles eram muito pequenos, a mãe, Zenilda, deixou os dois vivendo em Nova Ibiá, Bahia. E veio para Brasília tentar a vida como doméstica. Leandro ficou morando com a tia Hilda. Leila, com a tia Bide.

Mesmo vivendo na mesma cidade baiana, os dois irmãos quase nunca se viam. Leandro morava na roça. Começou a trabalhar muito cedo. Mesmo assim, gostava daquela vida. Tem saudade do tempo em que ficava descalço, pisando e dançando sobre as sementes, nas barcaças de secar cacau. A saudade aumentou depois que a mãe matou a irmã e ele viu a mesma dança nas barcaças do coronel Zé Inocêncio (Antônio Fagundes), na reprise da novela *Renascer*. Leandro acompanhou a novela, reexibida pela Globo no ano passado, na tevê colorida da casa do juiz de menores de Luziânia (GO), hoje seu lar provisório.

Num dia de 1994, a tia Bide, que cuidava de Leila, morreu. Zenilda viajou até a Bahia, de ônibus. Enfrentou quase dois dias de estrada, mais buraco do que asfalto. Tanto sacrifício para trazer de volta a filha que mataria nove meses depois. Zenilda trouxe também Leandro. Ele preferia ficar, mas não teve escolha.

“Tinha uma coisa dizendo pra eu não vir”, lembra Leandro.

A “coisa” estava certa em não recomendar a vinda do menino. A tia Hilda só batia no sobrinho muito de vez em quando. E sempre com um chinelinho velho. Doía só dois minutos, depois passava. Com a mãe, a coisa era muito diferente: Leandro e Leila apanhavam sempre, de cinto, cipó, pedaço de pau, qualquer coisa que doesse. Leandro era até privilegiado: Zenilda parecia poupar suas forças para espancar a filha.

“Minha mãe batia muito mais na Leila do que em mim. Ela batia até minha irmã ficar azul e o sangue não voltar mais pro lugar”, tenta descrever Leandro. A família quase nunca recebia visita. Mas quando alguém batia na porta e Leila estava tão machucada que seu estado poderia assustar o visitante, a mãe e o padrasto escondiam a menina no banheiro ou embaixo da cama. Leila ficava bem quietinha. Até porque não sabia falar.

Uma vez, Zenilda pendurou Leila de cabeça para baixo, pelos pés. Em pelo menos duas ocasiões, a mãe testou uma nova modalidade de castigo: enfiou pimenta no sexo da filha. Ainda foi pouco, perto do que faria naquela tarde de sábado, 15 de julho de 1995.

VIA CRUCIS

Tarde de sábado. Terminada a tortura do jogo do tapete, a mãe manda Leila tomar banho. A menina obedece, cambaleia na direção do banheiro, que não tem chuveiro, nem porta: é separado do quarto apenas por um pedaço de pano estampado. O banheiro conta, porém, com um tanquinho elétrico de lavar roupa, um dos dois únicos luxos do barraco: o outro é uma tevê em preto-e-branco sem imagem, cujo som é uma chiadeira só. O tanquinho elétrico também não é lá essas coisas.

Com a mão trêmula, Leila tira água da pia com uma caneca e joga sobre o corpo em carne viva. É seu último banho.

Já começa a escurecer quando a luz do barraco se apaga. Gilberto vai lá fora, saber o que aconteceu. A luz volta, Gilberto também.

O padrasto pergunta a Leila se ela tomou banho direito. A menina balança a cabeça: “sim”: “Lavou os pés?”, insiste Gilberto. Leila faz outro “sim” com a cabeça. O padrasto, então, olha os pés da menina: estão pretos de tanta sujeira. Leila não tinha visto, talvez pela escuridão, talvez porque estivesse tonta de tanto apanhar. Para o padrasto, tanto faz: o certo é que Leila merece outro castigo. E vai ter. Gilberto pega um pedaço de pau e recomeça a bater na menina.

“Ele (Gilberto) bateu demais na Leila. Teve uma hora que ele enfiou o pau com tanta força na perereca da minha irmã que ela ficou tonta”, lembra Leandro.

Gilberto só interrompe o castigo para jantar. Vai até a cozinha, bota a janta no prato. Leila fica caída no banheiro. A mãe joga água fria na filha, quer que ela se levante. Leila começa a rastejar pelo chão. A mãe consegue colocá-la de pé. Leila cai pela segunda vez, bate a cabeça na parede de tábuas do banheiro. Com um fiapo de instinto maternal, Zenilda bota um colchão – uma espuma fina, na verdade – no chão do banheiro.

O caçula Rubens vai dormir. Leandro também. Tem o sono pesado: nunca saberá o que aconteceu no resto daquela noite que até hoje não terminou. Sente medo pela irmã: nunca viu a mãe e o padrasto com tanto ódio assim.

Antes de cair no sono, Leandro ouve uma última frase, de mãe para filha: “Seu traste, por que você não morre logo?”

UM GRANDE AMOR

O barraco de tábuas tem três cômodos: a cozinha, o banheiro e o quarto onde dorme a família inteira – menos Leila. De uns tempos para cá, Zenilda resolveu botar a filha para dormir no banheiro onde, todas as manhãs, Gilberto vai fazer xixi. Nem se importa que a enteada, deitada no chão, veja suas intimidades.

No começo, era só mais um castigo: por duas vezes, Zenilda obrigou Leila a dormir no chão do banheiro, completamente nua. Depois, virou rotina. Zenilda tem medo de ser contagiosa essa doença que não deixa Leila falar e praticamente a impede de ouvir. Teme que Rubens, o caçula, fique surdo e mudo também.

Apesar do quarto superlotado de gente, Zenilda e Gilberto fazem amor noite sim, noite não. Os filhos têm o sono pesado. Só que agora, por causa da barriga de oito meses, o sexo ficou mais raro. Mas Zenilda, 29 anos, e Gilberto, 34, ainda se amam muito.

Os dois se gostaram há três anos, ainda no Paranoá. Juntos, tiveram Rubens, de dois anos, e fizeram mais um filho, que não demora a nascer. Gilberto nunca procurou outra mulher fora de casa. Diz que nunca precisou.

Zenilda retribuirá esse amor defendendo o marido até o fim: dirá sempre que Gilberto não ajudou a matar a filha. Negará que o marido tenha feito à força sexo anal e vaginal com a enteada, deixando Leila daquele jeito, como se ali, entre as pernas da menina, fosse tudo uma grande ferida só.

DIÁLOGOS

16 de julho de 1995. Domingo de manhã. Leandro dormiu feito pedra. Acorda torcendo para que a sessão de tortura da noite anterior e a frase “Seu traste, por que você não morre logo?” tenham existido apenas num sonho ruim. Mas quando entra no banheiro, percebe que o pesadelo é real. Leila está gemendo. Leandro vê as primeiras formigas escalando a canela da irmã.

O menino pensa em fazer alguma coisa, mas não faz nada. Não é a primeira vez que batem em Leila tanto assim. E Leandro lembra muito bem: a mãe mandou que ficasse longe daquilo. Se não, sobriaria para ele também.

Perto do meio-dia, a mãe manda o filho comprar pão. Quando volta da venda, Leandro tenta entrar de novo no banheiro. Zenilda não deixa. Leandro vai até o quintal, volta, fica andando pelo barraco. Pega no ar algumas frases soltas, meio sem sentido, trocadas entre a mãe e o padrasto: “Ela tá babando, espumando... fugir pra Bahia... enterrar no galinheiro... jogar no poço...”

VELÓRIO

Zenilda e Gilberto evitam decisões precipitadas. Primeiro, deixam a menina morrer devagarinho, depois de uma manhã inteira de agonia. Em seguida, não fogem para a Bahia, nem enterram Leila no galinheiro, nem jogam o corpo no poço.

Zenilda manda Leandro correr até o único telefone do Jardim ABC. O menino liga para Maria, a ex-patroa da mãe, que mora no Lago Sul. Pede que ela venha rápido, mas não diz o motivo.

Maria entra no carro e pega a estrada. A ex-patroa, que ajuda financeiramente Zenilda na gravidez, dirige tranqüila: pensa que a ex-empregada de gestos calmos, delicada e trabalhadora já está tendo o bebê. Nem imagina que vai encontrar o avesso de um parto.

Quando a ex-patroa chega, Zenilda comunica que Leila, a filha doente, está no banheiro: bateu a cabeça e morreu. Maria nem olha o corpo, não suporta ver gente morta. Antes assim.

Maria vai embora, mas antes orienta a ex-empregada. Zenilda manda Leandro telefonar de novo, desta vez para a polícia. Quando os peritos chegam, já é tarde da noite. Nesse meio-tempo, Zenilda não permitiu que nenhum dos vizinhos visse a menina morta. Deixou a filha deitada no chão do banheiro, velada apenas pelas formigas.

DIÁSPORA

Quando a tia Bide morreu na Bahia, Zenilda imaginou realizar o segundo grande sonho. O primeiro era ter um cantinho para morar. Isso, ela e Gilberto já tinham conseguido. Há um ano, o casal morava com o filho Rubens no barraco dos sonhos, construído por Gilberto com tábuas azuis.

O segundo sonho de Zenilda era trazer para Brasília os dois outros filhos, que teve com pais diferentes. Tia Bide morreu, é o momento certo de buscar Leila e Leandro, que não vê há mais de cinco anos, e reunir a família inteira.

Mas no meio do caminho, alguma coisa saiu errada. E família acabou dispersa como nunca. Leila morreu. Rubens mora com uma família de Luziânia que tem sua guarda provisória. Leandro espera que apareça alguém interessado em adotá-lo. Gilberto e Zenilda aguardam julgamento: estão presos na Delegacia de Luziânia, mas em alas separadas. Os dois, que se amavam tanto, agora só fazem amor quando o delegado deixa.

MORTE NATURAL

16 de julho de 1995. Domingo, quase meia-noite. Os peritos criminais chegam ao Jardim ABC. A ocorrência policial que os levou até lá erra ao informar sobre uma morte natural: uma criança teria caído e batido a cabeça. Mas basta um único olhar para convencer qualquer leigo: Leila não morreu porque era dia de morrer.

Quando os peritos chegam, Gilberto está sentado no quintal, que fica na frente do barraco. Parece ter bebido. Zenilda, com a barriga enorme, a princípio chora. Depois, se acalma. Leila está deitada no banheiro, com um lençol velho cobrindo sua nudez infantil.

A menina tem espuma saindo pela boca e pelo nariz. Do ouvido esquerdo, escorre muito sangue. Entre edemas traumáticos, feridas contusas, escoriações e desepitelizações (lesões com perda de pele), Leila tem 43 ferimentos na testa, nariz, boca, queixo, pescoço, peito, costas, braços, quadris, nádegas, coxas, joelho, canela, calcanhar.

O corpo exibe ainda uma coleção de cicatrizes antigas no peito, costas, coxas, pés e mãos, além de queimaduras de cigarro nos quadris, braços, cotovelos e nádegas. Os peritos concluem que Leila vinha sendo torturada há meses – da cabeça aos pés. Os peritos concluem que nunca viram nada igual.

O exame continua. O horror também. A menina que ainda não fez 11 anos tem a vagina e o ânus absurdamente alargados, sangrando. A penetração foi tão violenta que rompeu o canal vaginal e abriu com o reto uma comunicação que não existe no corpo de mulher nenhuma. Leila é uma grande ferida aberta.

O DIABO MEXE O RABO

Menos de um mês depois de matar a filha, Zenilda, por ironia da natureza, deu a vida a outro filho. Para isso, trocou por alguns dias a cadeia pela maternidade do Hospital Regional de Luziânia. Mal saiu da barriga da mãe, o menino foi entregue à Justiça. Alguém cuidará dele enquanto não se decide o futuro dos pais.

“O hospital estava cheio de policiais. E eu sabia que eles iam tomar o meu filho. Era um parto, mas parecia outro enterro”, lembra, hoje, Zenilda. Na cela repartida com mais cinco presas, Zenilda, que fez só o primeiro ano primário, passa o dia lendo a Bíblia. Virou evangélica. Arrependida, admite que batia na filha, “mas só com um chinelo e uma varinha fina”. Zenilda nega as torturas. Mas confessa que naquele sábado bateu como nunca.

“Eu estava cega naquela hora, chegava a ranger os dentes. Eu não sou tão malvada assim, tudo aconteceu por causa do meu nervoso. Eu estava gestante, acho que foi por isso que peguei raiva da menina. Ela era danada, não obedecia ninguém. Mas não merecia aquilo.”

Logo em seguida, Zenilda, confusa, absolve o “nervoso” da gestação e culpa o diabo pela desgraça.

“O que eu mais queria era ter os meus filhos perto de mim. Fui tão longe, lá na Bahia, pra pegar eles de volta... Aí, o demônio entrou no meio, mexeu o rabo e atrapalhou tudo. O demônio vem pra matar e destruir: está na Bíblia. Só que eu nunca tinha lido”, lamenta.

O MENINO PARTIDO AO MEIO

Hoje, quase um ano depois, Leandro tem dor de cabeça toda vez que relembra aquele fim de semana. Como não consegue esquecer, a cabeça dói repetidas vezes. É uma criança sensível e inteligente. Nunca tinha ido à escola. Agora, até estuda música. Quando crescer, quer ser pianista. E ter um filho. E nunca bater nesse filho, “nem com um chinelinho macio”.

“Por que criança tem que apanhar? É certo pai e mãe baterem em filho?”, pergunta.

Leandro é um menino dividido: “Se minha mãe continua presa, eu fico com remorso. Se ela sai da cadeia, me mata de tanto bater. Ela disse que se eu contasse o que eles fizeram com a Leila, ia me deixar pingando sangue. E eu contei.”

Leandro nunca foi visitar a mãe na prisão. Outro dia, ganhou umas fôrmas que lhe permitem moldar diferentes peças de gesso. Foi quando teve a idéia de fazer um presente para Zenilda, para ser entregue no Dia das Mães. Deveria ser algo que traduzisse seus confusos sentimentos pela mãe. Leandro fez, então, um quadrado de gesso: sem nenhuma cor, nenhuma palavra, nenhuma imagem. Só um grande espaço em branco.

Leandro nunca entregou o presente.

CORAÇÃO DE MÃE

O vigilante Gilberto também virou evangélico. Mas diz que é inocente e, portanto, não tem do que se arrepender. A não ser de um dia ter abandonado Areia Branca, no Rio Grande do Norte, onde vivia como pescador. E de um outro dia ter deixado a mulher embarcar naquele ônibus para buscar os filhos.

“Inventaram coisas bárbaras de mim. Eu não sou de bater em ninguém. Bati na menina uma vez só, e foi de chinelo. Quem estuprou? Isso eu não sei”, encerra a conversa.

Na outra ala da prisão, Zenilda defende Gilberto.

“O mais triste de tudo é ver meu marido sofrendo. Eu bati na menina sozinha, ele não fez nada. Eu sempre dizia: ‘Gilberto, você tem que bater nessa menina, pra corrigir ela’. Mas ele não batia, tinha dó”, garante Zenilda.

Para inocentar o marido, Zenilda não hesita em condenar a filha. Quando os peritos, naquela noite, perguntaram por que a menina estava com a vagina e o ânus tão escancarados, Zenilda jurou que a filha tinha o costume de se masturbar, introduzindo nos dois orifícios pequenos um pedaço de pau bem grosso.

“Vai ver, ela nem era virgem quando eu trouxe ela da Bahia. Eu, por exemplo, me perdi com 11 anos. Com 18, era mãe de dois filhos”, conta Zenilda, sugerindo uma suposta precocidade hereditária.

Em momentos assim, Zenilda deixa transparecer que a raiva da filha não foi enterrada junto com o corpo mutilado. Em seguida, tenta mostrar arrependimento. Conta que uma noite até sonhou com Leila saindo da escuridão:

“Peço a Deus que ilumine a alma dela. E que a minha filha me perdoe por ter batido tanto nela. Meu pai me batia com cinto, pedaço de pau, batinha de couro do facão... Foi assim que eu aprendi a educar os filhos. Se não fui uma boa mãe, pelo menos eu tentei.”

Zenilda sabe que não há como acreditar nas suas palavras. Começa a chorar. Pede desculpas pelas lágrimas:

“Não repare. Eu tenho o coração mole.”

Leila não viveu o bastante para sequer desconfiar disso.

DUAS MÃES

Final de maio de 1996. O barraco de tábuas azuis vai ficar vazio de novo. Nos últimos três meses, o cenário de um dos crimes mais violentos do Distrito Federal e da região do Entorno teve duas moradoras: a piauiense Maria da Cruz e a filha Cristina, de 15 anos. Cristina morreu de câncer na semana passada. Maria da Cruz arruma as poucas malas e volta para o Piauí nos próximos dias.

Logo ao se mudar para o barraco, mãe e filha souberam da desgraça que envolveu outra mãe e outra filha. Tiveram medo, logo superado.

“A menina Leila morreu tão inocente e com tanta dor que não pode ter virado assombração, tadinha. Virou um anjo, que ajudou minha filha a morrer em paz”, acredita Maria da Cruz.

No fim da vida, Cristina tinha o câncer espalhado pelo corpo inteiro e uma perna amputada, aos 15 anos de vida. Cristina sofreu muito. Mas Maria da Cruz sabe que a agonia de sua filha foi menor que a da filha de Zenilda: Cristina morreu segurando as mãos da mãe; e as mãos de outra mãe mataram Leila.